



INSTITUTO
SUPERIOR
DE ANGOLA

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS

LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

**A INFLUÊNCIA DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA NO RENDIMENTO
ESCOLAR DOS ALUNOS. UM ESTUDO DE CASO NA ESCOLA DO I
CICLO N.º 3113 DO MUNICÍPIO DE CAZENGA-LUANDA, NO I
TRIMESTRE DE 2024-2025.**

Autora: Eugénia Serafim Andrade

Orientador: Damião Félix João Banza, **MsC.**

Icolo e Bengo, 2025.

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS

LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

**A INFLUÊNCIA DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA NO RENDIMENTO
ESCOLAR DOS ALUNOS. UM ESTUDO DE CASO NA ESCOLA DO I
CICLO N.º 3113 DO MUNICÍPIO DE CAZENGA-LUANDA, NO I
TRIMESTRE DE 2024-2025.**

Trabalho de fim do curso apresentado ao Instituto Superior de Angola, como requisito para obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia, sob a orientação do Professor Mestre **Damião Félix João Banza**.

Autora: Eugénia Serafim Andrade

Orientador: Damião Félix João Banza, **MsC**.

Icolo e Bengo, 2025.

FOLHA DE APROVAÇÃO

**A INFLUÊNCIA DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA NO RENDIMENTO
ESCOLAR DOS ALUNOS. UM ESTUDO DE CASO NA ESCOLA DO I
CICLO N.º 3113 DO MUNICÍPIO DE CAZENGA-LUANDA, NO I
TRIMESTRE DE 2024-2025.**

Aprovado aos ____/____/2025.

Banca Examinadora

Presidente _____Asssinatura

1º Vogalr _____Asssinatura

2 º Vogal _____Asssinatura

Secretário _____Asssinatura

Classificação:_____/_____

DATA DA DEFESA_____/_____/2025.

DEDICATÓRIA

Aos meus pais primeiramente, por todo o amor, carinho, educação e dedicação para comigo, por terem sido a peça fundamental para que eu tenha me tornado a pessoa que hoje sou.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por permitir que tudo isso acontecesse, por me ter dado saúde e força para superar as dificuldades, desta árdua tarefa ao longo dos 5 anos de formação.

Ao Instituto Superior de Angola (ISA) o meu eterno agradecimento. A todos docentes por me proporcionar o conhecimento não apenas racional, mas manifestação do carácter e efectividade da educação no processo de formação do ensino superior. Por tanto que se dedicaram a mim, não somente por terem ensinado, mas por me ter feito aprender, dedicados aos quais sem minimizar esforços, assim eles terão sempre os meus eternos agradecimentos.

Ao meu orientador professor Mestre Damião Félix João Banza, pelo suporte no pouco tempo que lhe coube, pela orientação, apoio, confiança, por todas as sugestões, críticas, pelo paciente trabalho de revisão da redação e pelo empenho dedicado à elaboração deste trabalho.

A minha família, especialmente ao meu esposo, os meus pais, filhos, irmãos, tios. Sobrinhos, primos, cunhados e a toda família pelo amor, incentivo e apoio incondicional, que apesar de todas as dificuldades me fortaleceram e que para mim foi muito importante, pela perseverança e dedicação com que conduziram minha educação.

Agradeço a Direcção da escola n.º 3113, por me ter aberto as portas e permitir a realização da pesquisa, aos utentes que participaram da pesquisa, pois sem eles isso não teria sido possível.

Aos meus amigos e colegas de classe, e aos demais, companheiros de trabalho e irmãos na amizade que fizeram parte da minha formação e que vão continuar presentes em minha vida com certeza.

Enfim, a todos aqueles que acreditaram em mim que colaboraram directa ou indirectamente para que este trabalho se realizasse com sucesso.

EPIGRAFE

“A criança que sofre violência em casa fica com o desenvolvimento prejudicado anível cognitivo e emocional e na vida escolar e social”. (Pereira & Williams, 2008).

RESUMO

O estudo apresentado discorreu sobre a violência doméstica influência no rendimento escolar nos alunos do Colégio Público n.º 3113, como podemos verificar através da nossa pesquisa, a violência doméstica é um fenómeno que afecta o o desempenho escolar, bem-estar e o desenvolvimento de crianças e adolescentes. Qual é influência da violência doméstica no rendimento escolar dos alunos do Colégio Público n.º 3113?. E como objectivo analisar a influência da violência doméstica no rendimento escolar dos alunos da escola do Colégio Público n.º 3113. E os específicos tivemos com identificar a influência da violência doméstica no rendimento escolar dos alunos do Colégio Público n.º 3113 e descrever as consequências provocadas pela violência doméstica no rendimento escolar dos alunos do Colégio Público n.º 3113. A pesquisa que condiziu o nosso trabalho foi explorativo-descritivo com o modelo de abordagem o qualitativo-quantitativo, modo a servirem como alicerce para sustentar a pesquisa, recorreu-se a observação, revisão bibliográfica e ao questionário. Tivemos um total de amostra de 122 informantes que representam 58,7% da amostra no lectivo 2024/2025. Como parte conclusiva estudo, foi possível perceber que os inqueridos consideram que a violência doméstica influência no rendimento escolar dos alunos do Colégio Público n.º 3113 e, que influência nos alunos nos aspectos de menos atenção e dedicação nos conteúdos dados e, por outra, os alunos vítimas de violência doméstica não apresentam motivação de permanecerem no Colégio Público n.º 3113.

Palavras chave: influência, violência doméstica, rendimento escolar e aluno.

ABSTRACT

The study presented discussed the influence of domestic violence on academic performance in students at Colégio Público nº 3113, as we can see through our research, domestic violence is a phenomenon that affects the academic performance, well-being and development of children and adolescents. What is the influence of domestic violence on the academic performance of students at Colégio Público nº 3113? The objective was to analyze the influence of domestic violence on the academic performance of students at Colégio Público no. 3113. And specifically, we had to identify the influence of domestic violence on the academic performance of students at Colégio Público no. The research that supported our work was exploratory-descriptive with a qualitative-quantitative approach model, in order to serve as a foundation to support the research, using observation, bibliographic review and questionnaire. We had a total sample of 122 informants representing 58.7% of the sample in the 2024/2025 academic year. As a conclusive part of the study, it was possible to see that respondents consider that domestic violence influences the academic performance of students at Colégio Público no.

Key words: influence, domestic violence, academic performance and student.

ÍNDICE

DEDICATÓRIA.....	IV
AGRADECIMENTOS	V
EPIGRAFE	VI
RESUMO	VII
ABSTRACT	VIII
INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	6
1.1. Definição de termos e conceitos	6
1.2. Abordagens histórica do fenómeno da violência doméstica.....	8
1.3. Reflexos da influência da violência doméstica no desempenho escolar do aluno	11
1.3.1. Consequências da violência doméstica no desempenho escolar do das crianças vítimas no processo de ensino-aprendizagem.....	13
1.3.2. A violência doméstica e sua interferência no processo de ensino-aprendizagem	18
1.4. O papel da escola no diagnóstico, prevenção da violência doméstica nos alunos vítimas de violência doméstica.....	22
1.4.1. O papel do professor na detecção, proteção e prevenção do fraco desempenho escolar aos alunos vítimas de violência doméstica	24
1.5. A importância do diagnóstico de dificuldades de aprendizagem	28
1.5.1. As estratégias de diferenciação na superação de dificuldades de aprendizagem de alunos que sofrem maus-tratos	31
CAPÍTULO II: METODOLOGIA DE PESQUISA.....	34
2.1. Tipo de pesquisa	34
2.2. Modelo de abordagem	34
2.3. Níveis de estruturação de métodos.....	34
2.3.1. Nível teórico	34
2.3.2. Nível empírico/experimental.....	35
2.3.3. Nível estatístico/matemático	35
2.4. Técnicas de recolhas de dados.....	35
2.5. Instrumentos e procedimentos	36

2.6. População e amostra	37
CAPITULO III: RESULTADOS E DISCUSSÃO	38
3.1. Inquérito Aplicado aos membros de Direcção e aos Professores	38
3.1.1. Inquéritos aplicados aos alunos do Colégio Público n.º 3113	44
3.1.2. Inquéritos aplicados aos Pais ou encarregados de Educação	47
CONCLUSÃO	51
SUGESTÕES	53
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	54
APÊNDICES.....	58
ANEXOS	62

INTRODUÇÃO

O presente trabalho sobre a influência da violência doméstica no rendimento escolar dos alunos. Um estudo de caso no Colégio Público n.º 3113 do Município de Cazenga-Luanda no 1º Trimestre de 2024-2025. Na verdade, falar sobre a violência doméstica e o rendimento escolar, é abordar a relação existente entre dois fenómenos acontece e vem acontecer aos alunos e os seus efeitos no rendimento escolar.

Pretenderemos com o presente compreender a influência da violência doméstica no rendimento escolar dos alunos como um fenómeno social que envolve e afecta as estruturas familiares-escolar e os seus integrantes independentemente do género, dentro e fora do ambiente doméstico-escolar e deve ser observado e estudado como consequência de interacções sociais.

No dia-a-dia e certas literaturas nacionais e estrangeiras que falam sobre a problemática das violências doméstica em geral e em particular enfatiza-se mais a violência contra a mulher e da criança do que contra o género masculino (cf. Dumbo, 2014, p.22). Como podemos observar, a violência doméstica é um fenómeno muito visível na sociedade e nas famílias angolanas e de facto afecta tanto o género feminino como masculino que tem influência directa ou indirecta na vida escolar dos alunos em geral.

Olhando para a nossa realidade de Luanda em geral, onde o conceito de família é muito alargado, a violência doméstica mostra-se também muito abrangente, envolvendo parentes de ambos os géneros como vítimas ou protagonistas, nomeadamente pais, filhos, tios, avós, sobrinhos, cunhados, enteados e outros membros mais “distantes”, ultrapassando o núcleo familiar e envolvendo outras instituições como a escola que por excelência um meio que procura dar respostas a certos problemas de fora para o bem-estar do aluno.

Assim, diríamos que a violência doméstica, para muitas crianças e adolescentes, tem sido uma das causas do desempenho do rendimento escolar de alguns alunos das escolas do 1º Ciclo em particular do Colégio Público n.º 3113 do Município de Cazenga-Luanda, podendo interferir nas mais diversas áreas das suas vidas. Nisto, um dos pontos mais relevantes seria a sua influência na educação, tendo em vista

que esse grupo se encontra em uma idade na qual ocorre um desenvolvimento fundamental, com uma grande repercussão na vida adulta. Nestas circunstâncias, dissemos que a família se refere, pois, a algo que cada um de nós “experimenta, repleto de significados afectivos, de representações, opiniões, juízos, esperanças e frustrações.

As pessoas que sofrem violência intrafamiliar, bem como as que testemunham esses abusos podem, de alguma forma, vir a manifestar graves problemas emocionais, comportamentais e cognitivos, o que de alguma forma impede a sua socialização integral. No caso específico da violência doméstica contra crianças e adolescentes, a mesma é maioritariamente perpetrada pelos pais, podendo incorrer em abusos físicos sexuais e psicológicos, negligência física e emocional (Azevedo, M. 2000).

Chegados à escola e, no processo de ensino-aprendizagem, a violência nas relações familiares vem sendo um desafio que os professores e alunos tentam superar. Esta prática ocasiona entraves ao desenvolvimento social e cognitivo, conforme pressupostos teóricos, além de gerar consequências, na maioria das vezes irreparáveis, na vida da criança e do adolescente. Daí a necessidade de detectar o problema e buscar possíveis soluções, que nunca poderão ser isoladas, mas devem ser encontradas no diálogo entre escola e família. Em função do exposto, levantamos a seguinte pergunta de partida:

Qual é influência da violência doméstica no rendimento escolar dos alunos do Colégio Público n.º 3113 do Município de Cazenga-Luanda no ano lectivo de 2024 no 1º trimestre?

Hipóteses

As hipóteses são respostas provisórias do fenómeno em estudo, que podem ser confirmadas ou não, por intermédio do recurso teórico, epistemológico e empírico de um trabalho científico.

- ✓ **H1:** A violência doméstica tem sido um dos factor do fraco rendimento escolar dos alunos do Colégio Público n.º 3113 do Município de Cazenga-Luanda no ano lectivo de 2024 no 1º trimestre;

- ✓ **H2:** A violência doméstica tem provocado abandono escolar dos alunos do Colégio Público n.º 3113 do Município de Cazenga-Luanda no ano lectivo de 2024 no Iº trimestre.

Objectivos

Segundo Lakatos e Marconi (2008), toda pesquisa deve ter um objectivo determinado para saber o que se vai procurar e o que se pretende alcançar. O objectivo torna explícito o problema, aumenta os conhecimentos sobre determinado assunto.

Objectivo geral

- ✓ Analisar a influência da violência doméstica no rendimento escolar dos alunos da escola do Colégio Público n.º 3113 do Município de Cazenga-Luanda do no ano lectivo de 2024-2025 no Iº trimestre.

Objectivos Específicos

- ✓ Identificar a influência da violência doméstica no rendimento escolar dos alunos do Colégio Público n.º 3113 do Município de Cazenga-Luanda no ano lectivo de 2024 no Iº trimestre;
- ✓ Descrever as consequências provocadas pela violência doméstica no rendimento escolar dos alunos do Colégio Público n.º 3113 do Município de Cazenga-Luanda no ano lectivo de 2024 no Iº trimestre;
- ✓ Sugerir a Direcção do Colégio Público n.º 3113 na promoção de acções de sensibilização das famílias das consequências da violência doméstica no rendimento escolar dos alunos no ano lectivo de 2024 no Iº trimestre.

Delimitação e limitação

Conforme a palavra diz, podemos entender a delimitação como sendo, a concentração principal a que se refere um estudo de modo a não se perder um grande número de argumentos.

- ✓ Delimitação espacial e temporal, a nossa pesquisa foi realizada na Província de Luanda no Município de Cazenga e decorrerá no 1º trimestre do ano lectivo de 2024-2025 no Colégio Público n.º 3113.
- ✓ Limitamos no Colégio Público n.º 3113 ao grupo alvo: Director, Subdirector pedagógico, professores, Encarregados de educação e alunos.

Justificativa

A escolha deste tema surge por várias razões. A primeira razão tem haver com o facto de que a cada dia que passa, a violência doméstica em Angola e em particular em Luanda ganhar cada vez mais dimensões diferentes e preocupantes, tanto é que já é considerado um problema de saúde pública com influência directa no rendimento escolar dos alunos.

Ainda, existe alguma passividade, também preocupante, por parte dalguns familiares e vítimas por não denunciarem determinados casos de violência. Tudo isso revela certa fraca capacidade de gestão da violência doméstica pela forma como muitos dessas violências se perpetuarem na sociedade.

Esperamos que este trabalho se revele-lá úteis para todos quantos aos que trabalham com vítimas de violência doméstica e que possam contribuir para uma melhoria dos conhecimentos e práticas neste domínio, sendo mais um pequeno contributo para a concretização dos objectivos das estratégias de combate à Violência Doméstica que tende a influenciar o rendimento escolar nos alunos nocturnos e para a própria acção a que a se vem dedicando, em prol de uma mais eficaz luta contra a violência e de um melhor apoio às vítimas deste crime. A relevância deste trabalho advém do facto de abordar numa perspectiva da Pedagogia uma temática pouco explorada do ponto de vista académico e Científico.

O presente trabalho encontra-se organizado em três partes. Antes porém fizemos uma breve apresentação da problemática em estudo, justificando a pertinência da mesma no contexto da Escola actual e apresentámos. Sucintamente os objetivos que visamos atingir com a realização deste trabalho.

Na primeira parte da pesquisa procedemos ao enquadramento teórico no qual procurámos abordar a evolução dos termos e conceitos e dos modelos de

atendimento. Na segunda parte, metodologia de estudo ou pesquisa referencia a metodologia que utilizamos na elaboração da pesquisa.

No terceiro capítulo, apresentamos a discussão dos resultados obtido no campo de pesquisa assim como as referências bibliográficas nas quais baseámos toda a teoria e a análise dos resultados aqui apresentados, bem como os anexos referentes à recolha de dados.

CAPÍTULO I: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1. Definição de termos e conceitos

1.1.1. Influência

A palavra Influência é um substantivo feminino que caracteriza acção de um acção físico ou psicologico sobre alguém ou alguma coisa, suscitando-lhe modificações. Influência é uma acção que alguém ou algo tem sobre outra coisa, ou seja, o poder, o controlo ou a autoridade. Quando se diz que determinada “pessoa é uma influência para as demais”, significa que serve de modelo ou que exerce interferência sobre o modo de agir ou de pensar das outras pessoas(Dicionário, 2008).

O conceito de influência, segundo Camacho e Tavares (2014) o seu entendimento está directamente relacionado com o nível de expectativas e de capacidade de influenciar e não directamente a quem, episodicamente ou acidentalmente, exercendo algum tipo de poder constituído. Ainda o autor, realça que o adjectivo “influente” admite um certo grau ou traduz prestígio, mas um prestígio vinculado a reconhecimento e credibilidade idealizações da sociedade.

Na nossa visão, a palavra influencia é a acção de influenciar de maneira positiva ou negativa ou quando alguém exerce um comportamento que outra pessoa respeita, admira, este comportamento torna-se de importância.

1.1.2. Violência doméstica

O termo “violência doméstica” é usado para descrever as acções e omissões que ocorrem em variadas relações. Embora, em sentido restrito, designe os incidentes de ataque físico, pode abranger todas as violações de carácter físico e sexual, tais como empurrões, beliscões, cuspidelas, pontapés, espancamento, murros, estrangulamento, queimaduras, agressão com objectos, esfaqueamentos, uso de água a ferver, ácido e fogo (Manita, et al. 2009, p.67).

É consensual que a violência doméstica possa ser caracterizada como toda e qualquer situação em que uma criança, adolescente ou adulto que coabite de uma forma regular ou esteja ligado por laços materiais e/ ou relacionais com outrem sofra,

por parte dessa pessoa, algum dos tipos de abuso referidos: físicos, psico-emocional, negligência ou abuso sexual (Camacho e Tavares, 2014).

Outras usam o termo para descrever:

apenas a violência contra a mulher ocorrida em família, sendo, por vezes, utilizado para designar uma violação em que a vítima e o agressor têm, ou já tiveram antes, um relacionamento pessoal. Neste sentido mais lato, a violência doméstica engloba o abuso de crianças (físico, sexual ou psicológico), a violência entre meios irmãos, o abuso ou negligência de idosos por parte dos respectivos filhos (Manita, et al. 2009).

O decreto n.º 25/11 no seu art. 2.º, Aplica-se aos factos de violência doméstica ocorridos no seio familiar ou outro que, por razões de proximidade, afecto, relações naturais e de educação, tenham lugar, em especial: nos infantários; nos asilos para idosos; nos hospitais; nas escolas e nos internatos femininos ou masculinos e nos espaços equiparados de relevante interesse comunitário ou social (Cf. LCVD, nº 25/11).

No entender que tivemos sobre a violência doméstica é toda a acção ou omissão que cause lesão ou deformação física e dano psicológico temporário ou permanente que atente contra a pessoa humana.

1.1.3. Rendimento escolar

O rendimento escolar é uma medida das capacidades do aluno, que expressa o que este tem aprendido ao longo do processo formativo. Também abarca a capacidade do aluno em responder aos estímulos educativos. Neste sentido, o rendimento escolar prende-se com a aptidão (Lopes, et al, 2022).

Ainda, o rendimento escolar de acordo HAYDT (citado em Lopes, et al, 2022, p. 10) se reflectir “tanto a aquisição de conhecimentos e informações decorrentes dos conteúdos curriculares quanto as habilidades, interesses, atitudes, hábitos de estudo e ajustamento pessoal e social”. De acordo com Silva (2011):

O rendimento escolar pode ser definido como as modificações no indivíduo proporcionadas pela aprendizagem no contexto escolar e que são mensuradas e categorizadas em índices (notas ou conceitos) que apontam critérios de aproveitamento da situação de ensino e aprendizagem de conteúdos (bom rendimento) ou o não aproveitamento do ensino e

aprendizagem insatisfatório “fraco rendimento” (citado em Lopes, et al, 2022).

O rendimento escolar na visão de Marreiro (2018) relaciona-se com a avaliação contínua da aquisição de conhecimento no ambiente acadêmico, analisando o que o aluno aprendeu ao longo de seu processo formativo. Entretanto, o conceito abrange uma série de factores que vão muito além da capacidade que o aluno possui de absorver o conhecimento e do modo como isto é avaliado. Isso porque é necessário considerar também como a criança aplica e expressa este conhecimento.

Na nossa opinião o rendimento escolar tem haver com o sucesso educativo que um individuo tem no decurso da trajetória escolar.

1.2. Abordagens histórica do fenómeno da violência doméstica

Desde os tempos imemoriais que crianças, mulheres, homens e idosos, têm sido alvos de variadas formas de violência na família. Os crimes de ofensa física, verbal, abuso sexual, emocional, psicológico, incesto, entre outros, surgem com frequência no seu seio e adequam-se a um padrão de comportamento coberto pelo conceito de violência doméstica. Legitimada ora por crenças religiosas e políticas, ora pela ideologia patriarcal, a violência doméstica é um fenómeno que faz parte da história da família, não só das sociedades ocidentais, mas também das outras sociedades (GELLES, 2023, p.1). Nestas sociedades, ao longo dos séculos, as crianças têm sido vítimas de maus tratos e de incalculáveis agressões. Tais costumes encontram-se arraigados, na maior parte das vezes, no pressuposto de que são métodos fundamentais para a sua educação (AZEVEDO E GUERRA, 2002).

Uma das dificuldades em definir o conceito, concentra-se nas muitas divergências de pontos de vista e do fato desse ser um fenómeno social de longa data, e cujas manifestações provocarem forte carga emocional de quem a comete, de quem a sofre e também de quem a presencia. A violência se apresenta no cotidiano da vida do ser humano sob as mais variadas formas, provocando sentimentos distintos nas pessoas, despertando em geral, sensações de medo e desconfiança por parte das vítimas (MINAYO, 2005).

A Organização Pan-Americana de Saúde (2001) refere que a violência é a utilização da força física ou da coação psíquica e moral por um indivíduo ou grupo, gerando destruição, dano, limitação ou negação de qualquer dos direitos estabelecidos das pessoas ou dos grupos vitimados (OPA, 2001).

Por sua vez, para Organização Mundial de Saúde (2005), a definição de violência doméstica é o uso intencional da força física ou do poder, real ou em ameaça, contra si próprio, ou contra outra pessoa, ou ainda, contra um grupo ou comunidade, que resulte em manifestações de natureza física, sexual, psicológica e intelectual no âmbito familiar e na comunidade em geral, abrangendo a agressão física, o abuso sexual de crianças, violação, mutilação genital, prostituição forçada e violência perpetrada ou condenada pelo Código Penal, incluindo a negligência ou descuido dos pais, com relação aos filhos e a deficiência de desenvolvimento ou privação. Ainda pode se acrescentar o ato de constranger, tolher a liberdade, impedir a vítima de manifestar sua vontade e submetê-la ao seu domínio, violando desta forma os direitos essenciais humanos. Esta definição amplia o conceito ao englobar a violência doméstica como problema de saúde pública (OMS, 2005).

Segundo a UNICEF, a violência doméstica é um ato ou ação que envolve violência em situação de interação, envolvendo um ou mais atores, que de modo direto ou indireto cause danos em graus variáveis a uma ou mais pessoas, seja na integridade física ou mental, seja em suas posses ou participações simbólicas e culturais que podem se manifestar de forma continuada e ampliada territorialmente (UNICEF, 2005).

A violência efetuada entre pessoas com vinculação efetiva é denominada de violência intrafamiliar. Sua definição é toda ação ou omissão que prejudique o bem-estar, a integridade física, psicológica ou a liberdade e o direito ao pleno desenvolvimento de outro membro da família. Pode ser cometida dentro ou fora de casa por algum membro da família, incluindo pessoas que passam a assumir a função parental, ainda que sem laços de consanguinidade, e em relação de poder à outra. Um conceito análogo seria o de violência doméstica, que se diferencia da familiar por abranger “outros membros do grupo, sem função parental, que convivam no espaço doméstico” tais como agregados e empregados domésticos (MS, 2002).

Na verdade, temos que ter em atenção que os estudos sobre a violência doméstica não focalizam apenas a violência que o homem exerce sobre a mulher. Cada vez mais se começa a envolver nessa pesquisa as consequências negativas para os filhos que presenciam esse tipo de violência, distinguindo a violência entre adultos daquela direcionada a crianças (FRANCO; et al, 2009).

De forma mais geral, a violência doméstica é qualquer ação intencional realizada por indivíduo ou grupo, dirigido a outro, que resulte em óbito, danos físicos, psicológicos e/ou sociais (HIRATA E MOREIRA, 2001). Uma formulação mais completa do fenômeno, ao afirmar que a violência tem expressão multifacetada, ou seja, força para ir contra a natureza de um agente social; ou, todo ato de força contra a espontaneidade, à vontade e a liberdade de alguém (coagir, constranger, torturar, brutalizar); e ainda, todo ato de transgressão contra o que uma sociedade define como justo e como um direito. Consequentemente, violência é um ato de brutalidade, sevícia e abuso físico e/ou psíquico contra alguém e caracteriza relações intersubjetivas e sociais definidas pela *opressão e intimidação*, pelo medo e o terror (CHAUÍ, 2009).

Na mesma vertente dos conceitos anteriores, a violência doméstica é um ato que atinge as integridades físicas, psíquicas, emocionais e simbólicas dos indivíduos ou grupos nas diversas esferas sociais, tanto no espaço público quanto no espaço privado. E, dentro dessa perspectiva, alguns acontecimentos, aceitos socialmente como naturais, passaram a ser nomeados como violência: as agressões físicas e psicológicas interfamiliares, contra mulheres ou crianças; a violência simbólica contra grupos ou categorias étnicas (ABROMOVAY, 2002).

A violência doméstica é todo ato ou omissão praticado por pais, perante os responsáveis contra crianças ou adolescentes que, sendo capaz de causar danos físicos, sexual ou psicológica à vítima - implica de um lado numa transgressão do poder/ dever de proteção do adulto e, de outro, numa coisificação da infância. Tal denominação significa o reconhecimento de que o fenômeno é uma violência tal como definiu Chauí (2009), ou seja, é uma relação interpessoal assimétrica, hierárquica e de *poder*, implicando num polo *dominação* (polo adulto) e, no outra objectivação, *coisificação*, submissão dos desígnios e desejos do outro (polo criança/adolescente). Sendo esta praticada no lar ou na unidade doméstica, geralmente por um membro da família que viva com a vítima. Pode-se afirmar que, independentemente da faixa etária

das pessoas que sofrem espancamentos, humilhações e ofensas nas relações descritas, às mulheres e as crianças/adolescentes são os principais alvos (AZEVEDO E GUERRA, 2001).

No que concerne à problemática em exposição escolhemos a definição da filósofa Chauí (2009), por ser a mais completa, o conceito da OMS - Organização Mundial de Saúde (2005) e o conceito da UNICEF (2005), por caracterizarem melhor o fenômeno da violência doméstica contra crianças e adolescentes, visto que “o fenômeno sendo considerado com tendência social provoca algumas conturbações de ordem, tanto pela opressão dos mais fortes e pela rebelião dos oprimidos, quanto pela falência da ordem social e pela omissão do Estado” (Minayo e Souza, 2005, p.513), além deste conceito permitir a identificação da natureza abusiva de poder exercida pelos pais ou responsáveis com relação aos seus atos sobre as suas vítimas, com o intuito de facilitar a quantificação dos dados do estudo.

1.3. Reflexos da influência da violência doméstica no desempenho escolar do aluno

O desempenho escolar da criança deve ser analisado, considerando-se não apenas suas características pessoais, mas também seu ambiente familiar e seu ambiente escolar, pois tais factores interagem entre si podendo ora facilitar, ora prejudicar o aluno, suas potencialidades e habilidades (Santos & Graminha, 2005). No âmbito da aprendizagem, a interação desses factores pode contribuir tanto para o sucesso como para o fracasso acadêmico. Tal compreensão é compatível com a concepção sistêmica, na qual o baixo rendimento escolar deve ser atribuído não só às características individuais, mas também ao seu contexto familiar e social (Pamplim, 2015).

A criança que sofre violência em casa fica com o desenvolvimento prejudicado. Os efeitos negativos da violência intrafamiliar podem ser observados no funcionamento cognitivo e emocional e na vida escolar e social. O declínio no desempenho escolar da criança vitimizada é uma seqüela que vem sendo demonstrada tanto em pesquisas feitas no exterior (Pereira & Williams, 2008).

Considerando as sequelas da violência doméstica na vida acadêmica da criança vítima, é preciso saber o que pensam os educadores sobre tal fenômeno, pois a escola tem um papel fundamental no processo de desenvolvimento da criança (Santos & Graminha, 2005). A criança vítima pode ter apoio no contexto escolar, se esta desenvolver sentimentos de otimismo e um relacionamento seguro e positivo com adultos e com seus pares.

Ao caracterizar o desempenho escolar de crianças expostas à violência conjugal (vítimas indiretas de violência doméstica), Williams (2008) mostraram que essas, ao serem comparadas com o grupo controle (não vitimizado), não tinham diferenças estatisticamente significativas quanto ao rendimento escolar no Teste de Desempenho Escolar. No entanto, houve uma diferença significativa entre os grupos (vitimizado versus não vitimizado). As professoras, possivelmente, sabiam quais eram as crianças expostas à violência conjugal, o que pode ter contaminado a avaliação, subestimando o desempenho escolar destas. Portanto, os autores alertam para a probabilidade da profecia auto-realizadora (Weinstein, 2002).

O estudo de Brancalhone e cols. (2004) faz uma reflexão sobre as consequências da violência doméstica no desempenho escolar da criança, bem como a respeito da visão que a escola tem do aluno vítima do referido fenômeno. Assim, tanto o sucesso como o fracasso escolar podem ser explicados não apenas considerando as características do aluno, mas também da sua família e da escola.

Segundo a revisão da literatura nacional, os estudos que abordam a questão do desempenho escolar indicam que a escola exerce um papel importante na performance do aluno, tanto para o sucesso como para o fracasso. O estudo de Santos (2002) mostrou que alunos com uma história de vida marcada por situações adversas tendem a viver experiências negativas na escola. Segundo a autora, a escola, enquanto contexto social mais amplo, pode ser um fator de risco ou de proteção para a criança.

Rosemberg (2021) pesquisou a associação entre origem social e rendimento acadêmico (notas, aprovação/reprovação e evasão). Seu estudo encontrou uma forte associação entre esses fatores e destacou a influência dos aspectos intra-escolares

na determinação do fracasso ou sucesso das crianças oriundas das classes populares.

Considerando que os estudos indicam que a escola pode ser um factor de risco ou de proteção para a criança e, considerando, também, que o trabalho de Brancalhone e cols. (2004) faz um alerta quanto a um possível pré-julgamento de professores em relação às crianças expostas à violência conjugal, sugerindo o risco a respeito do desempenho escolar da criança vitimizada, investigar, também, suas concepções sobre violência doméstica e possíveis implicações tanto para a aprendizagem, como para o contexto educacional.

1.3.1. Consequências da violência doméstica no desempenho escolar do das crianças vítimas no processo de ensino-aprendizagem

Vários são os autores que apontam relevância para as consequências sofridas pelas crianças e adolescentes. É quase certeza que, com a decorrência desta prática, o resultado ocasionado implicará numa série de transtornos psíquicos. Por isso, se deve levar em consideração, os impactos da violência, como um problema de infância, visto que seus efeitos repercutirão em toda a sua vida (DAY et. al.,2009).

Não podemos deixar de mencionar que a violência acontece dentro do próprio lar da criança ou adolescente, e que estes atos são praticados na maioria das vezes, pelos pais ou familiares, e que são estes mesmos, que educam e são os responsáveis pelo desenvolvimento da sua personalidade e possivelmente, o espelho para sua formação futura de caráter. Por isso, se torna tão difícil o conhecimento da real magnitude do problema, vez que a vítima têm ao mesmo tempo, o pai/agressor, como figura de proteção e desamparo (Veronese e Costa, 2006).

A criança que sofre de violência doméstica nos primeiros anos de vida pode vir a ter o seu desenvolvimento cerebral comprometido. Após um longo período vivenciando ou presenciando a violência, a criança terá seu sistema imunológico e nervoso afetado o que tem como consequência inaptidões sociais cognitivas. A maioria destas crianças apresentam problemas sociais e baixa autoestima o que leva a descuidasse do seu próprio corpo e, a longo prazo, podem dar origem a alucinações,

baixo desempenho no trabalho e até criar problemas de violência em futuros relacionamentos futuros (Markham, 2000).

De uma forma geral, esta criança muitas vezes, na sua vida adulta não consegue ser bem-sucedida, o que vai acarretar muitos custos a sociedade. A prova está que, uma parte significativa da população encarcerada sofreu alguma espécie de violência na infância. E o grande problema está no fato de o agressor ser por norma, alguém muito próximo da criança (ALGERI, 2015).

Quando se leva em consideração o incesto ou abuso incestuoso, este tipo de violência doméstica deixa marcas ainda mais profundas na personalidade da criança e do adolescente, podendo ou não ser ocasionada com o uso da força, visto que muitas vezes, podem ser ocasionadas mediante ao jogo da sedução. E esta prática é a mais difícil de ser descoberta, pois, depende da criança pedir ajuda ou não, podendo durar anos. Já que na maioria das vezes, este filho desenvolve a patologia do vínculo pai – mãe, além de carregar consigo o peso da união dos pais, achando que ele é o elo entre os dois (ALGERI 2015).

A violência física é a agressão mais comum, e a que deixa consequências mais visíveis nas crianças. Neste tipo de manifestação, os objetos mais utilizados pelos agressores, são o: cinto, vassoura, panelas, martelos, etc.. Como também os principais efeitos que englobam esta modalidade, tais, como: queimaduras com pontas de cigarro, queimaduras com água quente, privação de comida e água, etc.(Minayo, 2005).

As sequelas psicológicas do abuso são consideradas grandes e mais graves que seus efeitos físicos, visto que acarretam problemas futuros, ainda mais preocupantes, tais como: *baixo rendimento escolar, conduta agressiva, depressão, fobia, estresse pós- traumático, culpa, irritação, desamparo, doenças somáticas, distúrbios do sono, tendência o suicídio e consumo de álcool e drogas* (Saffioti, 2017).

As consequências assumem características próprias de quadros traumáticos tanto na infância como na vida adulta, ocasionados por danos físicos e psicológicos. As consequências da violência física que atingem diretamente a criança podem ser imediatas, as quais são facilmente identificadas, já que tendem a deixar marcas visíveis como: hematomas, luxações, fraturas, alterações ósseas, alterações

neuroológicas, entre outros. Por outro lado, a violência psicológica traz consequências de médio e longo prazo deixam traumas emocionais que dificilmente são identificados de imediato, tais como: depressão, pensamentos de suicídio, sentimento de culpa, isolamento, dificuldade de convivência com seus pares, rejeição, visão pessimista de mundo, dependência, atitudes antissociais, desejo de fuga, etc.(Saffioti, 2017).

As principais consequências nas crianças e adolescentes, especificadas em duas modalidades são: sintomas físicos e psicológicos. Os sintomas físicos são aqueles que acarretam danos físicos às vítimas, tais como: hematomas, fraturas, queimaduras de cigarro, anorexia, obesidade, distúrbios do sono, distúrbios gastrintestinais e ginecológicos, fibromialgia, fumo, invalidez, doenças sexualmente transmissíveis, disfunções sexuais, gravidez indesejada, traumas físicos, lesões genitais, morte, dentre outros. E os sintomas psicológicos são aqueles que interferem não só na capacidade de pensar e agir, como também de tomar decisões para a vida adulta, dentre eles podemos citar: a dificuldade de concentração, de sono, pesadelos, medo, raiva contra o agressor, problemas de ansiedade, síndrome de dor crônica, depressão, déficit de atenção, fugas de casa, tentativas de suicídio, culpa, comportamento agressivo, dificuldade de relacionamento, quadro histérico grave, dificuldade na área afetiva e de socialização, QI baixo e pior desempenho escolar etc. (Saffioti, 2017; p.33).

As consequências físicas e psicológicas resultam em efeitos, como: crescimento deficiente, problemas de saúde, fadiga constante, problemas na conduta, privação cultural, sentimento de rejeição e de menos valor, desnutrição e depressão. Com relação, às consequências do abuso sexual, estas são diversas e não podem ser levadas em consideração de forma individual, visto que os indicadores de consequências são dependentes um do outro, não podendo desta forma, serem vistos separadamente, pois, têm interligação com outros fatores. Mas, para o presente estudo iremos levar em consideração apenas, as consequências físicas e psicológicas (Braun, 2002).

Todas estas consequências apresentadas de um modo geral, no quadro em análise, ocasionam quadros depressivos; propensão e abusos de álcool e drogas; danos na estrutura e função do cérebro (como memória, cognição e nas emoções); transtornos de ansiedade, alimentares e dissociativos; hiperatividade e déficit de

atenção; transtorno borderline; transtorno de estresse pós-traumático (TEPT); infelicidade generalizada(MARTINS *et. al.* 2007, p.98).

Não são apenas sintomas emocionais que podem ser observados em crianças e adolescentes que sofrem violência doméstica. Mas, também, distúrbios psicossomáticos e gastrintestinais crônicos, dores abdominais inespecíficas e asma. Além das vítimas desta prática têm maior probabilidade de manifestarem problemas mentais. Contudo, não são apenas efeitos colaterais. Vai, muito mais, além disso, vez que envolve também efeitos emocionais e psíquicos, dificultando a formação individual e psíquica do indivíduo. (MARTINS *et. al.* 2007).

As manifestações referentes a estas consequências podem ser divididas em quatro fases: infância, adolescência, fase adulta, e velhice. Cada fase apresenta consequências diferentes e bem marcantes. Na fase infância, as consequências são: insucesso escolar com perturbações do comportamento, fobias em relação à sexualidade; Na fase adolescência, as consequências ocasionadas são: dificuldade na identidade feminina, rejeição a imagem corporal, estados depressivos graves, perturbações, delinquência e prostituição; Já na fase adulta, estas acarretam: crises afetivas frequentes, depressão, disfunções sexuais na relação conjugal e projeção das próprias fantasias incestuosas na vida dos filhos; E na fase velhice, as consequências provocam surtos de angústia e depressão secundária, sobretudo no início da menopausa precoce e falsa de memória (Weiss, 2004, p.67).

Não obstante, as consequências dos maus tratos infantis são, em longo prazo, indutoras de desajustamentos emocionais sérios, baixa autoestima e insegurança comportamental, menor rendimento escolar devido às sequelas causadas pelas agressões (Weiss, 2004, p.78).

Os maus-tratos psicológicos ou emocionais podem-se manifestar através de sinais não visíveis, tais como alterações de comportamento, diminuição do rendimento escolar, perda de competências adquiridas anteriormente, atitudes visíveis de sofrimento da criança (Azevedo e Maia, 2006, p.45).

Para se chegarem às raízes do problema da violência doméstica é necessário modificar esse mito de família, enquanto instituição intocável, para que os atos violentos ocorridos no contexto familiar não permaneçam no silêncio, mas sejam

denunciados a autoridades competentes, a fim de que se possam tomar as providências necessárias (Rosas e Cionek, 2006, p.123).

Como podemos notar no que tange as consequências da violência doméstica mencionadas anteriormente, fica bem claro quanto incalculável são os danos físicos e psicológicos, os quais as crianças e adolescentes encontram-se expostos dentro do entorno familiar, comprometendo a base do seu princípio afectivo e seu desenvolvimento cognitivo ao longo da vida. Porém, este comprometimento no desenvolvimento das vítimas é relativo, ou seja, podendo umas internalizarem sentimentos de medo, introspecção, apatia, isolamento, e outras externalizar, conflitos na relação com os demais, repetindo o que vivenciam - ciclo continuo de violência (Cunha, 2004, p.143).

No entanto, algumas crianças e adolescentes conseguem enfrentar situações de alto risco (vivências traumáticas), de forma positiva, não as levando para a sua vida. Pois, embora convivam com fatores estressantes, como a violência doméstica, por exemplo, estas conseguem encontrar alternativas para superar tais situações (Cunha, 2004,p.156).

Estes indivíduos que apresentam esta capacidade de em determinados momentos e circunstâncias, lidar com as adversidades, não sucumbindo a ela, são chamados de resilientes. No entanto, isto não quer dizer que eles consigam superar a situação por definitivo, mas, possuem a capacidade de sair-se bem diante de situações difíceis (Barros, 2005).

Assim, fica evidenciado que para essa superação das adversidades, a criança e o adolescente, necessita de uma base (figura do professor) para firmar esta sustentação. Com isso, o professor não só ocupa o espaço privilegiado como possui um papel fundamental no processo de aprendizagem, visto que o reflexo da violência doméstica implica em deficiência no déficit de atenção, ocasionando a incapacidade de aprender.

1.3.2. A violência doméstica e sua interferência no processo de ensino-aprendizagem

A interferência da violência doméstica no processo de aprendizagem só poderá ser entendido, se no primeiro momento definirmos aprendizagem, para depois mostrar todo o decurso do processo. Neste contexto, a aprendizagem “é um processo cuja matriz é vincular e lúdica e sua raiz corporal, sendo que o desdobramento criativo se dá através da articulação inteligência-desejo e do equilíbrio assimilação-acomodação”, pois há uma adaptação inteligente quando a assimilação e a acomodação se encontram em equilíbrio (Fernández, 2021, p. 48).

Outra definição para aprendizagem é o processo pelo qual as competências, habilidades e conhecimentos, comportamentos ou valores são adquiridos ou modificados, como resultado de estudo, experiência, formação, raciocínio e observação. É importante salientar que a execução de um comportamento é essencial, mas não é isso que afirma a existência de uma aprendizagem. Faz-se necessário que se saiba a natureza do comportamento, bem como, entenda-se o seu processo de aquisição (Ferriani e Reis, 2004, p.78).

Aprendizagem é um processo gradativo, ela depende muito da relação com a tarefa e com o professor porque o desenvolvimento da aprendizagem se dá também através do educador e na escola, e não apenas no aluno (Ferriani e Reis, 2004). A aprendizagem ocorre como um processo pessoal no qual as conquistas dependem das motivações e capacidades do indivíduo, além das influências do meio em que vive que podem tanto oportunizar como bloquear a aprendizagem. O autor refere que o processo de aprendizagem ocorre gradualmente, no ritmo de cada indivíduo, que é único.

Para o entendimento de aprendizagem vão ser levadas em consideração duas correntes: sendo a primeira: os estudos de Vygotsky (construtivismo), e a segunda: os estudos de Piaget (equilíbrio). Na visão de Vygotsky, para a aprendizagem acontecer é necessário fazer uma análise do contexto emocional, das relações afetivas, de modo como a criança está situada historicamente no mundo. Para ele o aprendizado adequadamente organizado resulta em desenvolvimento mental e põe em movimento vários processos de desenvolvimento que, de outra forma, seriam

impossíveis de acontecer. As características principais do processo de aprendizagem são: pensamento e motivação (Vygotsky, 1991, p.196).

As barreiras que impedem o processo do ensino-aprendizagem são: a rejeição, o desprezo, a humilhação, dentre outras. E tais barreiras ocasionam uma baixa estima e insegurança, impedindo a criança e o adolescente de aprender, tendo em vista que o cognitivo encontra-se no mesmo plano da afetividade. Portanto, qualquer problema emocional irá interferir no aprendizado dos indivíduos (José e Coelho, 2006, p.56).

Com relação às necessidades afetivas quando não satisfeitas, estas resultam em barreiras para o processo ensino-aprendizagem, e, portanto para o desenvolvimento do aluno. Assim, a criança que é vítima da violência doméstica, acaba por apresentar um déficit de atenção e concentração e um baixo rendimento escolar (WEISS, 2004,p.56).

Os aspectos emocionais estariam ligados “ao desenvolvimento afetivo e sua relação com a construção do conhecimento a expressão deste através da produção escolar (...)”. Neste sentido, a dificuldade de aprender pode perfeitamente estar ligada, a algum, aspecto ou problema familiar, ou seja, o não aprender pode estar associado ao sintoma de que algo vai mal nessa dinâmica. Sendo, assim, necessário que a criança e o adolescente tenham um convívio saudável no âmbito familiar, com estímulos positivos, levando em consideração o equilíbrio e o dialogo como base para o seu desenvolvimento (WEISS, 2004).

Partindo deste pressuposto um ambiente familiar hostil e desequilibrado, pode afetar seriamente não só a aprendizagem como também o desenvolvimento físico, mental e emocional de seus membros, uma vez que o aspecto cognitivo e o aspecto afetivo estão interligados. Desta forma, um problema emocional decorrente de uma situação familiar desestruturada reflete diretamente na aprendizagem (Rosas e Cionek, 2006, p.234).

Em outra vertente, para Piaget (1988), o conhecimento é essencial para toda a construção do intelecto, particularmente na criança e no adolescente, principalmente para se chegar às etapas adultas. E o conhecimento para se chegar ao aprendizado não se dá externamente como um produto acabado e sim “negociado” pelo próprio aprendiz, a partir da dinâmica evolutiva de sua mente. Sendo necessário, para este

aprendizado, um ambiente sadio e equilibrado, livre de qualquer conflito interior e exterior, ou seja, destituídas de barreiras que interfiram no desenvolvimento do intelecto.

Nas situações ocorridas nas salas de aula, estas podem tanto favorecer para que o aprendizado aconteça, tal como nas situações que aumentam a autoestima do aluno, podendo ser em decorrência de elogios, valorização das ideias e comentários positivos. Podem, igualmente, prejudicar a aprendizagem, quando os educadores induzem os alunos a sentimentos de menos-valia (Rosa, 2018, p.87).

Vários estudos foram evidenciados, um baixo rendimento acadêmico - nas crianças vítimas de maus-tratos bem como falta de motivação - para as tarefas escolares (Rosa, 2018). Outros estudos demonstraram no passado atrasos no desenvolvimento da competência linguística em crianças maltratadas, tanto no nível da compreensão como no da expressão linguística. A este nível, os estudos têm vindo a caracterizar o discurso das crianças maltratadas, como redundante e pobre ao nível dos conteúdos, sobretudo os de natureza abstrata (SANTOS, 2002, p.55). E nos dias atuais, estudos caracterizam que crianças com histórico de vida marcada pela violência tendem a viver experiências negativas na escola. O declínio no desempenho acadêmico da criança vitimizada é uma sequela que vem sendo demonstrada tanto em pesquisas feitas no exterior.

Desta forma, a partir da análise dos estudos dispostos acima, acredita-se que é possível à visualização significativa que o ambiente familiar das crianças maltratadas exerce, com grande probabilidade, uma influência negativa no desempenho, ao não proporcionar os cuidados necessários à promoção do desenvolvimento sócio emocional, desenvolvimento da conduta, desenvolvimento cognitivo, da linguagem e do rendimento acadêmico, além do desenvolvimento da cognição social, desembocando na inibição da capacidade de aprender e de socializar-se (Oliveira-Formosinho, 2006).

Por outro lado, num estudo realizado no CEIFAR (Centro de Integração Familiar), em 2009, com cinco turmas de professores, crianças e adolescentes, com convívio de violência no âmbito familiar apresentaram vários prejuízos na vida escolar, com reflexo direto no processo de aprendizagem, tais, como: dificuldade de concentração,

agitação, agressividade, isolamento, expressão oral pouco desenvolvida, medo excessivo, choro, afetividade comprometida, desinteresse pela aprendizagem, baixo rendimento, fuga da realidade, sinais de depressão. Neste sentido, a pesquisa demonstra que a aprendizagem da criança vítima da violência doméstica pode ser comprometida, pois, a criança internaliza o tratamento que recebe, acreditando ser a merecedora dos maus-tratos, o que se traduz nesse medo de fazer a atividade, de tentar; na crença de que não é capaz. Então, acaba por internalizar que não conseguirá aprender (Silva, 2009,p.87).

No tocante, a educação enfoca que é um processo de construção coletiva, contínua e permanente de formação do indivíduo, e a escola é o local privilegiado dessa formação porque trabalha com o conhecimento, com valores, atitudes e formação de hábitos. Sendo assim, de extrema importância à figura do professor como elo da criança e do adolescente com a escola, para o desenvolvimento desta construção no processo de aprendizagem (Silva, 2009).

No que concerne aos impactos ao nível do desenvolvimento cognitivo, da linguagem e do rendimento acadêmico demonstram que crianças violentadas tendem a apresentar resultados mais baixos em testes de capacidades, comparativamente a crianças que não sofreram nenhum tipo significativo de violência doméstica (Oliveira-Formosinho, 2006).

Em uma perspectiva neuropsicológica, outros estudos revelam que muitas crianças maltratadas poderão sofrer déficits no processamento cognitivo como resultado de alterações neuropsicológicas. Diversos outros estudos têm evidenciado um baixo rendimento acadêmico nas crianças vítimas de maus-tratos bem como falta de motivação para as tarefas escolares. Outros estudos demonstraram ainda atrasos no desenvolvimento da competência linguística em crianças maltratadas tanto no nível da linguagem receptiva como no da linguagem expressiva. Tais estudos têm caracterizado o discurso das crianças maltratadas como redundante e pobre, ao nível dos conteúdos, sobretudo os de natureza abstrata (BASANTA DOPICO, 2000).

1.4. O papel da escola no diagnóstico, prevenção da violência doméstica nos alunos vítimas de violência doméstica

A escola é, na maioria das vezes, a única instituição a que a criança maltratada tem acesso fora da família que a maltrata. Cada vez mais, a escola aparece como um espaço favorável ao desenvolvimento de saberes, posturas e costume que fomentem a educação e a saúde das crianças e adolescentes, exercendo um papel indispensável na proteção contra a violência doméstica. Isso acontece pelo fato da escola favorecer conexões de proximidade, afeto e segurança entre as crianças e entre elas e os professores. Pois, é a convivência diária e o apreço recíproco que permite que a criança e o adolescente confiem o seu segredo ao colega ou ao professor e, assim, consiga romper o ciclo da violência doméstica (Garcia et. al., 2009, p.125).

Professores e demais profissionais que trabalham em escolas e creches devem estar preparados e capacitados para identificar as situações de maus tratos e conhecer os procedimentos necessários para comunicar a autoridade competente, pois, a escola e o educador exercem influência constante e ativa nos cuidados com as crianças. Ao educador compete identificar situações, encaminhar, ouvir, acolher a família. Todavia, há o medo do profissional de se envolver em conflitos particulares, por represálias e o não conhecimento do seu papel no problema (Garcia et. al., 2009).

O professor, por norma, apercebe-se que a criança ou adolescente, é vítima de violência doméstica, em função das suas atitudes e comportamentos. Porém, não sabe o que fazer perante tal situação, ou age de forma inadequada. Isto porque os professores não têm recebido formação inicial que lhes permita gerir de forma eficiente os conflitos ocasionados pela violência doméstica (Williams, 2003, p.176).

Contudo, torna-se cada vez mais necessário que a formação contínua desenvolvida, nas escolas proporcione uma reflexão pautada em subsídios teóricos e autores recentes na área da educação, que possibilite uma intervenção esclarecida. Precisamos entender que é necessário um planeamento participativo que resulte numa construção de base com a participação de pais, alunos, professores e comunidade, lembrando que é um processo que vai se construindo de forma gradativa e necessita de acompanhamento de forma constante a fim, de que os resultados

sejam satisfatórios evitando, assim, uma possível situação de violência doméstica futura (Williams, 2003).

Convém também ressaltar que a participação dos profissionais em termos de notificação ainda é excessivamente tímida, o que leva a pensar que "há uma Lei do silêncio, em torno da violência doméstica dirigida à criança e ao adolescente, inclusive por parte dos profissionais que, ao se defrontarem com a questão, abstêm-se de discuti-la cientificamente e até mesmo de recorrer às chamadas instâncias de proteção à infância para a notificação de casos, conforme dispõe o Estatuto da Criança e do Adolescente". Mas, isto ainda é algo a ser repensado, vez que os responsáveis não podem ficar impunes, enquanto a sociedade e a escola continuam em constante inércia, sem dar-se quer um ponto inicial de partida. Daí, a necessidade de políticas mais eficazes, trabalhos educativos incisivos, e profissionais capacitados e preparados para lidar com a situação (Guerra, 2022,p.34).

Num estudo aprofundado por Vagostello, em escolas públicas de São Paulo, no ano de 2003, constata-se que a principal ação da instituição escolar frente ao conhecimento de casos de violência doméstica foi à convocação e orientação dos pais das vítimas que corresponde a (69,6%), resultado que contrasta com o encaminhamento aos Conselhos Tutelares, que se restringiu a apenas 33,3%. Em 21,7% dos relatos, a escola se omitiu frente aos casos de abuso (preferiu não se envolver no assunto), em 20,3% houve encaminhamento da vítima ao psicólogo, e em 11,6% os pais foram ameaçados de denúncia. Resultados semelhantes apareceram no grupo de diretores. E ainda acrescenta que as intervenções da escola nos casos de violência resultaram, predominantemente, no compromisso verbal dos pais em modificar sua conduta (49,3%), seguido pela não ocorrência (30,4%). Em 23,2% dos relatos, a criança recebeu atendimento psicológico, em 17,4% houve acompanhamento pelo Judiciário (Vara de Infância e Juventude), e em 11,6% a violência reincidiu. Resultados similares foram encontrados entre os diretores, cuja proporção de intervenção judicial foi ainda menor - apenas uma ocorrência - (Vagostello, L. et al, 2003).

Semelhante homogeneidade na distribuição das frequências também ocorreu entre os diretores. Assim, o presente estudo, aponta uma proporção muito significativa, pois, por parte dos professores (87,2%), estes acreditam que o papel da

escola frente à violência doméstica deve ser convocar e orientar os pais. Em proporções menores apareceram respostas como denúncia aos Conselhos Tutelares (56,4%), identificação da violência (48,7%) e encaminhamento ao psicólogo (30,8%). Vale destacar que os diretores foram unânimes na opinião de que a escola deve convocar e orientar os pais, sendo que a denúncia aos Conselhos Tutelares foi citada por menos da metade deste grupo (IDEM).

Com estes dados, verificamos que a escola não só deixou de exercer o seu papel, infringindo as regras do ECA, como também os próprios profissionais da educação deixaram de exercer o seu papel, ou porque não são capacitados para a detecção, ou porque temem perseguições. É importante frisar que a norma por si só não tem força para mudar uma conduta individual e social, sendo de extrema necessidade a prevenção, que pode ser considerada a parte mais importante da legislação. Desta forma, tanto os profissionais como a própria escola devem estar preparados e capacitados para prevenir condutas violentas, através de programas educativos, atendimentos especializados, orientação de pais, trabalhos de cidadanias e de conscientizações, etc. (Barison e Andrade, 2005).

1.4.1. O papel do professor na detecção, proteção e prevenção do fraco desempenho escolar aos alunos vítimas de violência doméstica

O olhar do professor na sala de aula deve ser voltado para a criança ou adolescente, pois, a forma de enxergar é essencial para a descoberta desta prática de crime de violência doméstica. É necessário observar as condutas, o comportamento, e os fatores emocionais dentro da sala de aula. E principalmente saber lidar com esta situação, conseguindo manter uma relação com esta criança ou adolescente de confiança e respeito, para que assim, possa detectar o problema como um todo para em seguida, ajudar de forma correta, dando apoio a vítima e fazendo a denúncia, devida, aos órgãos competentes (Cavalcanti e Schenker, 2007, p.36).

O professor ou profissional pedagógico deve ter um olhar mais criterioso e ficar atento para condutas diferenciadas, pois estas muitas vezes, são indicadores de práticas de violências contra crianças ou adolescentes. Podemos enumerar estas condutas, como:

1. Mudanças no comportamento escolar podem ser indicativas que algo não vai bem;
2. Ficar atento à assiduidade e pontualidade exageradas (chega cedo e sai tarde da escola, demonstra pouco interesse ou mesmo resistência em voltar para casa após a aula);
3. Queda injustificada na frequência escolar ou abandono;
4. Dificuldade de concentração e aprendizagem, com baixo rendimento escolar;
5. Não participação ou pouca participação nas atividades escolares;
6. Surgimento de objetos pessoais, brinquedos, dinheiro e outros bens que estão além das possibilidades financeiras da criança e de sua família (em alguns casos, este pode ser um indício de favorecimento e/ou aliciamento);
7. Tendência ao isolamento social com poucas relações com colegas e companheiros;
8. Relacionamento entre crianças e adultos com ares de segredo e exclusão dos demais;
9. Dificuldade em confiar nas pessoas ao redor;
10. Fuga de contato físico;
11. Medo ou pânico de certa pessoa ou sentimento generalizado de desagrado quando a criança é deixada sozinha em algum lugar com alguém;
12. Mudanças extremas, súbitas e inexplicadas no comportamento, como oscilações no humor (momentos de euforia e de depressão, por exemplo);
13. Mal-estar pela sensação de modificação do corpo e confusão de idade;
14. Regressão a comportamentos infantis, como choro excessivo sem causa aparente ou mesmo chupar dedos;
15. Tristeza, abatimento profundo ou depressão crônica;
16. Aparecimento de uma série de problemas de saúde sem causa aparente, como dor de cabeça, erupções na pele, vômitos e outras dificuldades digestivas, que na realidade, têm fundo psicológico e emocional;
17. Traumatismo físico ou lesões corporais, como o aparecimento de hematomas, por uso de violência física (Lisboa e Koller, 2001; p.60).

Estes indicadores demonstram sinais de socorro indiretamente, e é o ponto chave na detecção da violência. Por isso, os educadores têm que estar atentos às intercorrências escolares, tais como: ausência frequente, baixo rendimento, falta de

atenção e de concentração, comportamentos agressivos, passividade, apatia e choro, haja vista que estas características podem ser sinais de violência doméstica e quando identificados devem ser encaminhados ou denunciados (Pacheco, 2002, p.45).

Após detectar todos estes comportamentos ou condutas acima dispostos, o professor deve estabelecer uma relação de amizade, confiança, respeito, aceitando e compreendendo a criança ou adolescente, de forma a conseguir uma abordagem adequada e coerente com a situação, com o intuito de traçar alternativas concretas, seja denunciando, ou seja, como forma de prevenção da violência doméstica (Pacheco, 2002).

Vale salientar que o envolvimento da escola na detecção, proteção e prevenção, fundamenta-se, no art. 56 do ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente, que diz o seguinte: “Os dirigentes de estabelecimentos de ensino fundamental comunicarão ao Conselho Tutelar os casos de: I - maus – tratos envolvendo seus alunos; II - reiteração de faltas injustificadas e de evasão escolar, esgotados os recursos escolares; III – elevados níveis de repetência”(BRASIL, 2001; p. 34).

Assim, a escola não pode se ausentar do seu papel e de suas responsabilidades. Contudo, “a escola pode atuar também na prevenção à utilização da violência (...)”. Entretanto, para o sucesso de tal empreitada é necessário que os educadores sejam os principais parceiros desse processo e que estejam devidamente preparados/informados/formados para realizar um trabalho sistemático de prevenção da violência (PLACCO et.al., 2002; p.364).

Estes profissionais capacitados e informados na escola são figuras fundamentais para auxiliar a criança e o adolescente que se encontra em situação de violência doméstica ou sobre ameaça desta prática. Os educadores podem utilizar o diálogo e a confiança como aliados, para que possam fazer estas vítimas se sentirem seguras, ao ponto de denunciarem o caso, as autoridades competentes, com o intuito de impedir que este ciclo de violência (repressão-disciplina-repressão), continue a existir. Daí, a importância de profissionais multidisciplinares que trabalham com esses indivíduos, principalmente os educadores, se fazerem presentes e cumprirem o seu real papel, detectando, protegendo e prevenindo a continuidade desta criminalidade,

haja vista que na medida em que a sociedade não defende a criança indefesa do agressor por omissão, ela coloca-se também como agressora (SAFFIOTTI, 2017).

As escolas podem ser a ponte essencial na questão da detecção de casos de violência, por terem grande acesso às crianças. Porém nem sempre entre os educadores e professores, há postura formativa diante de casos de violência, presenciada ou percebida. Não há crítica quanto às consequências das condutas pontuais que visam tão somente estancar comportamentos agressivos entre as crianças, atribuindo-os ao reflexo da vida cotidiana que se manifesta no ambiente escolar. Portanto, o que falta não é a visibilidade do problema e sim a qualificação para a tarefa, visto que os professores visam apenas conter as situações relacionadas ao comportamento das crianças e adolescentes na sala de aula, sem que haja um maior envolvimento e uma postura adequada, com problemáticas como um todo (GOMES, 2005).

A importância da escola no enfrentamento da violência doméstica sobre crianças e adolescentes, fica ainda mais evidente, quando se considera que crianças e adolescentes têm contato diário e prolongado com ela e com seus profissionais, e quando se coloca que, em grande parte dos casos, ela se constitui na única fonte de proteção, especialmente para as crianças e adolescentes que têm familiares como agressores e não encontram, em outros membros da família, a confiança e o apoio necessários à revelação da violência. Desta forma, a escola não pode ficar silenciosa diante de um crime, ela tem o papel e o dever de denunciar estes agressores, como forma de coibir esta prática da violência doméstica (SANTOS, 2002).

Estudos Mundiais, tais como a OMS (Organização Mundial de Saúde); ONU (Organização das Nações Unidas); UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura), reforçam a importância de programas de prevenção da violência na infância com estratégias que propõem intervenções para apoiar as crianças no desenvolvimento de habilidades potenciais para a vida adulta, assim como promoção de relacionamentos não violentos entre pais, cuidadores e crianças. Esses programas podem representar significativos impactos positivos na vida social, no nível educacional e nas perspectivas de trabalho para jovens. Podem, ainda, potencialmente, aumentar os níveis de prevenção da violência na vida adulta, especialmente da reprodução da violência contra crianças no futuro, uma vez que

relações violentas entre pais e filhos aumentam o risco de desenvolvimento de comportamento violento na infância e na vida adulta (RISTUM, 2010).

É preciso reconhecer que existem algumas barreiras (falta de evidência, medo de consequências legais, medo de retaliações dos pais para com as crianças) que fazem com que os professores deixem de assinalar casos suspeitos de maus tratos (GASTON E SUTHERLAND, 2019, p.1).

Como podemos perceber ainda estar muito distante à realidade de erradicar os casos de violência doméstica, haja vista o despreparo dos profissionais (falta de conhecimento em relação aos modos de identificar os abusos e quanto aos procedimentos para o assinalamento de casos são os maiores obstáculos enfrentado pelo corpo docente), a falta de interesse e envolvimento da escola de levar o caso adiante e o descaso do cumprimento de papel por parte do Estado (AZEVEDO E GUERRA, 2000).

1.5. A importância do diagnóstico de dificuldades de aprendizagem

A origem das dificuldades ou problemas de aprendizagem, não se relaciona apenas à estrutura individual da criança, mas também à estrutura familiar a que a criança está vinculada. As dificuldades de aprendizagem estariam relacionadas às seguintes causas: a) causas externas à estrutura familiar e individual - originariam o problema de aprendizagem reativo, a qual afeta o aprender, mas não aprisiona a inteligência e, geralmente surge do confronto entre o aluno e a instituição; b) causas internas à estrutura familiar e individual – originariam o problema considerado como sintoma e inibição, afetando a dinâmica e desejo, causando o desejo inconsciente de não conhecer e, portanto, de aprender; c) modalidades de pensamento derivadas de uma estrutura psicótica as quais ocorrem em menor número de casos; d) fatores de deficiência orgânica em casos mais raros (Fernández, 2021,p.198).

Os primeiros sinais que apontam que o aluno poderá vir a ter dificuldades ou distúrbios de aprendizagem podem aparecer na Educação Infantil. No entanto, até o 1º ano do Ensino Fundamental esses sinais devem ser considerados normais, visto que, o aluno está em fase de adaptação. Mesmo assim, o professor deverá ficar

atento, pois podem ser os primeiros indicadores, que, se perpetuarem, ficará concretizado que o aluno tem a dificuldade (Fernández, 2021,p.198).

Para a criança ou adolescente que apresenta dificuldade de aprendizagem, não basta um único indicador ou situações esporádicas. A avaliação deve ser muito criteriosa e feita durante um período maior, levando em consideração todo o conjunto da criança. E para cada indicador que a criança apresenta, o professor deve fazer as intervenções, pois pode acontecer da dificuldade ser vencida ainda em sala de aula, sem ajuda de especialista. Feito o diagnóstico, a partir de uma observação criteriosa e contínua, a família deve ser informada, e o aluno ser encaminhado a um especialista (neurologista, psicólogo, psicopedagogo, fonoaudiólogo, etc.) (LOUZADA, 2002).

No tocante as dificuldades que os alunos encontram, estas podem ser diversas, e o professor não só pode observar como também deve buscar entender, a fim de identificar o problema e ajudar a criança ou adolescente na superação do mesmo. Estas dificuldades podem ser listadas, como: dificuldade motora geral e acessibilidade, dificuldades comportamentais importantes (agressividade), dificuldade de concentração e impulsividade (déficit de atenção), dificuldade de leitura, dificuldade na comunicação e interação. Em linhas gerais, as dificuldades citadas acima são empecilhos para um desenvolvimento cognitivo normal (WEISS, 2004,p.198).

Antes de se chegar a um diagnóstico pedagógico, faz-se necessário definir o mesmo. Então, podemos conceituar este como sendo um instrumento formalizado, o qual foi criado para ser um protocolo de aplicação e correção, no intuito de diagnosticar as causas psicopedagógicas de forma simples, com a meta de investigar o cotidiano do sujeito como se comporta diante do objeto de conhecimento (WEISS, 2004).

Em outra visão, diagnóstico pedagógico é um processo que permite ao profissional investigar, levantar hipóteses provisórias que serão ou não confirmadas ao longo do processo recorrendo, para isso, a conhecimentos práticos e teóricos. Esta investigação permanece durante todo o trabalho diagnóstico através de intervenções e da escuta psicopedagógica, para que se possam decifrar os processos que dão sentido ao observado e norteiam a intervenção (BOSSA, 2000).

O diagnóstico de dificuldades de aprendizagem precoce é de extrema importância, visto que após o encaminhamento a um especialista (psicopedagogo),

pode ser detectada a dificuldade e conseqüentemente a criança pode ser ajudada a solucionar ou superar o problema, impedindo que no futuro, venha a ter um déficit maior no seu processo cognitivo (WEISS, 2004).

Sempre que vamos fazer um diagnóstico, temos que nos propor a conhecer a pessoa por inteiro, temos que verificar como ela aprende e não verificar o que ela já sabe. Temos que questionar o como e não só o que ela aprende. E tudo isto, cabe ao psicopedagogo que por meio de técnicas e métodos próprios, buscar solucionar os possíveis problemas e comprometimentos de aprendizagem, juntamente com toda a equipe escolar (LOUZADA, 2002).

Alguns instrumentos realizados no diagnóstico são as entrevistas, fotografias do sujeito ao longo da vida, realização de desenhos, aplicação de provas pedagógicas, elaboração de instrumentos específicos para aquele sujeito em função do tipo de problema que ele vem apresentando. Assim, o psicopedagogo preocupa-se em aperfeiçoar as técnicas de diagnósticos, mediante a intervenção sistemática do meio sócio – econômico, do ambiente familiar, do nível de adaptação do aluno ou sujeito (ANDRADE, 2002).

O objetivo do diagnóstico é então estabelecer as causas que provocam as determinadas queixas da dificuldade de aprendizagem. Assim, para um diagnóstico bem sucedido e eficaz, é necessário, levar em consideração, os conhecimentos das causas usuais, das dificuldades mais frequentes relacionadas com as diversas capacidades e aptidões, ligadas aos processos desenvolvidos pela escola e a família, para interpretar normas de comportamento e atitudes como efeito de causas conhecidas, método adequados que possibilitem pesquisar condições intercorrentes ou outras e, conhecimento satisfatório de medidas a serem prescritas durante um determinado diagnóstico (CAMPOS, 2001).

Desta forma, o psicopedagogo, por meio do diagnóstico poderá verificar a hipótese a qual estabelecerá a dificuldade de aprendizagem ou vínculo. A partir do diagnóstico pode-se construir um programa o qual é conhecido como tratamento, ou seja, entrevista devolutiva e do contrato de tratamento, ou seja, envolvendo todos responsáveis o qual era envolvido, sejam pais, professores, pacientes (ANDRADE, 2002). O diagnóstico, para o terapeuta, deve ter a mesma função que a rede para um

equilibrista. É ele, portanto, a base que dará suporte ao psicopedagogo para que este faça o encaminhamento necessário (FERNÁNDEZ, 2011).

Por fim, para que o psicopedagogo possa enxergar todo contexto, se faz necessário o momento de investigação por meio do diagnóstico, assim um dos processos utilizado é a queixa o que leva a iniciar o diagnóstico ou buscar resposta analisando, a vida do sujeito, seja familiar ou escolar que por meio destas circunstâncias no consultório o psicopedagogo poderá analisar a causa problemática que leva a queixa (WEISS, 2004).

1.5.1.As estratégias de diferenciação na superação de dificuldades de aprendizagem de alunos que sofrem maus-tratos

Perante a situação de violência doméstica, observa-se que para superar o problema, necessita-se de um trabalho conjunto e integrado de profissionais das mais diversas áreas (saúde, social, jurídica e educacional). O papel da escola, bem como do setor de saúde, indubitavelmente, é superar as práticas isoladas. Embora a promoção de saúde seja de responsabilidade do indivíduo, da família e da sociedade em geral, a escola é a única instituição que consegue reunir em sua égide grande parte da população, teoricamente toda a população em determinado momento e faixa etária. A escola e o educador exercem, inevitavelmente, uma influência constante e ativa nos cuidados com as crianças, entretanto essa tarefa dependerá amplamente do seu conhecimento do tema em pauta (WEISS, 2004).

O olhar psicopedagógico sobre a criança ou adolescente deve ser intrigado, pois se as condições para a aprendizagem estão estabelecidas em todos os seres humanos, não é comum que uma criança não aprenda, há um motivo para que isso aconteça e precisa ser investigado e desvendado (FERNÁNDEZ, 2021).

As escolas e os educadores devem considerar que o erro é ponto de passagem para possíveis avanços na aprendizagem e não considerá-lo como um determinante de exclusão, como desencadeador de punições, repreensões e penalidades. Sob a perspectiva excludente, no âmago de uma avaliação classificatória, o erro deixa de ser um acontecimento natural no processo de construção do conhecimento, deixa de oferecer bases para a composição de valiosos indicadores pedagógicos,

correspondendo a um instrumento indispensável na superação de obstáculos (FERNÁNDEZ, 2021).

Embora várias pesquisas, apontem o lúdico como base para a aprendizagem, o que se observa nos desempenhos escolares é o não manuseio desta base, como recurso didático, mesmo sabendo que a mesma faz parte do universo infantil. Assim, o lúdico não só conduz uma forma diferente de aprender, como também propicia prazer e envolvimento formando uma nova dinâmica de aprender, haja vista que o lúdico não só faz parte do universo infantil, como também o interesse pelo jogo torna mais prazeroso o processo de aprendizagem (BOSSA, 1994).

O jogo pode se consolidar como uma estratégia de desenvolvimento da atenção, fator necessário para a aprendizagem. Assim, “o mecanismo circular da aprendizagem aponta que a atenção é ao mesmo tempo condição e efeito de um processo de aprendizagem”. Sendo a atenção, o requisito fundamental para desenvolver a aprendizagem e necessário para pensar e estabelecer estratégias que estimulem o estar atento (KASTRUP, 2004, p. 14).

Outra vertente a se considerar é o termo superação de dificuldades, comumente associado à resiliência, que não quer dizer que a pessoa escape inteiramente ilesa de situações consideradas muito estressante enfrentadas na vida. As adversidades deixam maiores ou menores marcas e podem ser mais ou menos duradouras, pois isso varia de acordo com a forma específica de cada um responder a situação de risco as quais está exposto (MARTINS, 2006).

A resiliência é como combinação de fatores que propiciam ao ser humano condições para enfrentar e superar problemas e adversidades, tendo como consequência a adaptação bem sucedida, como capacidade de fortalecer, crescer e prosperar mesmo na presença de dificuldades (BARBOSA, 2006). Já a resiliência de um individuo dependerá da interação de sistemas adaptativos complexos, como o círculo social, família, cultura, entre outros (MASTEN E GARMEZY, 2014). E para alguns pesquisadores a resiliência pode variar ao longo do tempo (SOUTHWICK et. al., 2011).

Outra definição para resiliência é a capacidade de superar os golpes da vida; de que o trauma precoce ou grave não pode ser desfeito; ou de que a adversidade

sempre prejudica as pessoas, mais cedo ou mais tarde e, de que os filhos de famílias perturbadas ou “destruídas” estão condenados (...) (WALSH, 2005, p.4).

Convém ressaltar que a escola precisa criar uma construção de relações de proximidade, empatia e significado, no processo de ensino-aprendizagem. Isto será sempre um desafio, visto que é contextualizada, ou seja, precisa considerar a história, o ambiente, as trajetórias formativas de professores e alunos, seus saberes e experiências, etc. (PINTO JR., 2001).

É interessante apontar algumas recomendações que podem contribuir na superação do desafio de construir relações de proximidade e empatia, e perseguir a excelência no ensinar e no aprender. Sobre esta concepção podemos citar várias recomendações, como: 1) é preciso adotar uma postura dialógica, fundada na construção parceira do saber e na afirmação da vida de cada ator do processo educativo; 2) construir coletivamente um ambiente de aprendizagem onde todos possam ser escutados sentirem-se acolhidos e valorizados em seus saberes e experiências, implicando o conhecimento das histórias, trajetórias, perfil dos alunos, de seus gostos, problemas e dificuldades; 3) estabelecer, em cada aula ou espaço de ensino-aprendizagem, condições alegres e bonitas para se trabalhar, vivenciando momentos de inquietação epistemológica, produção individual e coletiva, sistematização e valorização das descobertas, procurando identificar os significados da convivência pedagógica; 4) trabalhar o gosto pela curiosidade e a investigação, motivando e fomentando atitudes e práticas produtivas, procurando dar um sentido social para a produção do saber; 5) criar espaços de avaliação, entendendo-a não só como aferição de resultados do ensino-aprendizagem, mas como identificação dos sentidos e significados do saber e do fazer epistemológico e social (MATURANA, 2018).

Por fim, a escola pode contribuir muito com a superação destes traumas tendo profissionais, desde o corpo administrativo até o corpo docente capaz de estabelecer vínculos com os alunos. Os educadores devem lidar com vítimas de violência constantemente em suas salas de aula, e que geralmente apresentam problemas de aprendizagem em decorrência de traumas.

CAPITULO II: METODOLOGIA DE PESQUISA

2.1. Tipo de pesquisa

A pesquisa que condiziu o nosso trabalho foi explorativo-descritivo, isto de acordo com Lakatos e Marconi (2002, p.89), procura especificar as propriedades, as características e os perfis importantes de pessoas, grupos, comunidades ou qualquer outro fenómeno que se submeta a análise.

2.2. Modelo de abordagem

O modelo de abordagem para elaboração desta pesquisa é o qualitativo-quantitativo, visto que a abordagem qualitativa segundo Gil (2008, p.89) constantemente recurso à interpretação e explicação subjectiva de um conjunto de dados que estruturam suas diferentes fases e que foram obtidos com ajuda da observação directa e indirecta bem como a consulta bibliográfica, para a elaboração do problema e das hipóteses. E quanto a abordagem quantitativa segundo Gil (2008, p.89) procura estabelecer relações das variáveis a estudar, se caracteriza pela medição das mesmas e o tratamento estatístico das informações.

2.3. Níveis de estruturação de métodos

Os métodos teóricos que permitiram elaborar teorias de modo a servirem como alicerce para sustentar a pesquisa, recorreu-se a observação, revisão bibliográfica, ao questionário para a colecta e execução do trabalho.

2.3.1. Nível teórico

Para esta pesquisa de trabalho de fim curso, fizemos discussão de argumentos através de teoria e pesquisa empírica. Para isso, foi necessário fazer observação e colecta de dados. Outrossim, a nível teórico consideraremos a formulação de indagações sobre o tema pesquisado, com o auxílio da pesquisa explorativa-descritiva que consumou com os objectivos traçados.

A pesquisa teórica, tradicionalmente é usada nos trabalhos académicos, se encarrega de analisar a teoria e levantar discussões, independente da aplicação prática. Quando o método empírico é colocado em prática, o estudo que se preocupa em combinar a teoria com os dados colectados.

2.3.2. Nível empírico/experimental

A pesquisa empírica teve como objectivo: colectar dados, resumir, compreende-las e fazer inferências descritivas. As etapas que envolvem a aplicação do método empírico são: objectivos, compreensão da teoria, Colecta de dados e Análise dos dados e resultados.

- ✓ Indução: parte do particular e coloca a generalização como um produto posterior do trabalho de colecta de dados particulares. De acordo com o pensamento indutivo, a generalização é constatada na observação de casos concretos suficientemente confirmadores dessa realidade (Gil, 2008, 28).
- ✓ Dedução: um método que parte do geral, e desce para o particular. Parte de princípios reconhecidos como verdadeiros e indiscutíveis e possibilita chegar a conclusões de maneira puramente formal, em virtude de apenas uma lógica (Gil, 2008, 28).

2.3.3. Nível estatístico/matemático

Quanto à técnica de análise e mensuração de dados. Segundo Prodanov (2013), “fundamenta-se na utilização de teorias estatística das probabilidades”.

A obtenção das informações para a elaboração do trabalho foi feita através da recolha e análise dos dados obtidos, após a aplicação de um questionário dirigido aos membros de direcção e professores do Colégio Público n.º 3113.

A manipulação estatística permitiu comprovar as relações dos fenómenos entre si, e obter generalizações sobre sua natureza, ocorrência ou significado, sobre o desenvolvimento do tema. Quanto à técnica de análise e mensuração de dados usou-se o Excel 2013.

2.4. Técnicas de recolhas de dados

No presente trabalho utilizamos as seguintes técnicas: a observação, análise documental, revisão bibliográfica e o questionário.

Na visão de Prodanov (2013) com a observação, é possível obter muitas informações através da observação do comportamento da acção educativa entre

professores. Portanto, uniu-se um conjunto de livros académicos, documentos, artigos científicos estrangeiros como nacionais, que tratam do assunto em questão que serviu para o seu esclarecimento, enriquecimento e para o suporte teórico.

- ✓ Pesquisa bibliográfica: para Kauark et al, (2010), “visa a busca de informações biográficas, permitindo navegar os pensamentos dos mais variados autores”.

Com este método foi possível obter informações relacionadas com o tema de forma lógica e criativa consultando diversas fontes (livros, sites, revistas etc.). Sobre a adaptação dos professores no subsistema do 1º Ciclo do Ensino Secundário: Caso do Colégio Público n.º3113 do Distrito Urbano do 11 de Novembro do Município de Cazenga.

- ✓ Análise documental, na pesquisa quantitativa, segundo os autores Boudon e Bardin (1989, p. 30; 2002, p. 108) passa a ser como um conjunto de operações visando representar o conteúdo de um documento sob uma forma diferente da original, a fim de facilitar num estado ulterior a sua consulta e referência. Ou seja, permite passar de um documento primário “em bruto” para um documento secundário “representação do primeiro”.

2.5. Instrumentos e procedimentos

Para analisar a adaptação dos professores no subsistema do 1º ciclo do ensino secundário no Colégio Público n.º 3113 adoptamos as técnicas de observação, tendo como instrumento um questionário, aplicado aos professores.

A pesquisa seguiu uma avaliação formal, com metodologia que permitiu a obtenção de informações precisas acerca do objecto de análise. De carácter formativo, pois foi realizada durante o desenrolar da pesquisa e se destinou a proporcionar informações para a tomada de decisões sobre a qualidade das actividades desenvolvidas.

- ✓ Questionário: é um instrumento de colecta de dados, constituído por uma lista de questões relacionadas com o problema de pesquisa, o mesmo

deve ser aplicado a um número determinado de informantes” (Prodanov, 2013).

Ainda, realça que; serve para obter os dados descritivos através da descrição objectiva, sistemática e quantitativo dos conteúdos por método estatístico. Esta análise é mais objectiva, mais fiel e mais exacta, visto que a observação é mais bem controlada e útil nas fases de verificação das hipóteses (Bardin, 2002, pp.16 e 108). Foram entregues os questionários para preenchimento próprio, e recolhidos depois de preenchidos e devolvidos pelos mesmos.

O questionário aplicado neste estudo é constituído por questões maioritariamente fechadas, semi-fechadas e de multipla escolha. Antes da sua aplicação final, os questionários foram pré-testados e validados. Posteriormente, foi solicitada autorização formal para a sua aplicação à Direção do Colégio Público n.º3113 do subsistema do 1º ciclo do ensino secundário.

2.6. População e amostra

Segundo Gil (2008, p.89) população é "o conjunto definido de elementos que possuem determinadas características". Por sua vez, Lakatos e Marconi (2002, p. 63) amostra é uma porção ou parcela, convenientemente seleccionada do universo (população); é um subconjunto do universo.

DESGNAÇÃO	POPULAÇÃO	AMOSTRA
Membros de direcção	03	02
Professores	25	15
Encarregados de educação	55	30
Alunos (as)	125	75
Total	208	122

Quanto à amostragem probabilística na qual se extraiu uma amostra aleatória simples, cujo objectivo é conferir a todos os potenciais inquiridos ou elementos da população. Quanto a população, foram constituídas a comunidade educativa, isto é, a Direcção da Escola, professores, pais e encarregados de educação e alunos. Tivemos um total de amostra de 122 informantes, constituídos pelos 2 membros de Direcção, 15 professores, 30 encarregados de educação e 75 alunos que representam 58,7% da amostra no lectivo 2024/2025.

CAPITULO III: RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1. Inquérito Aplicado aos membros de Direcção e aos Professores

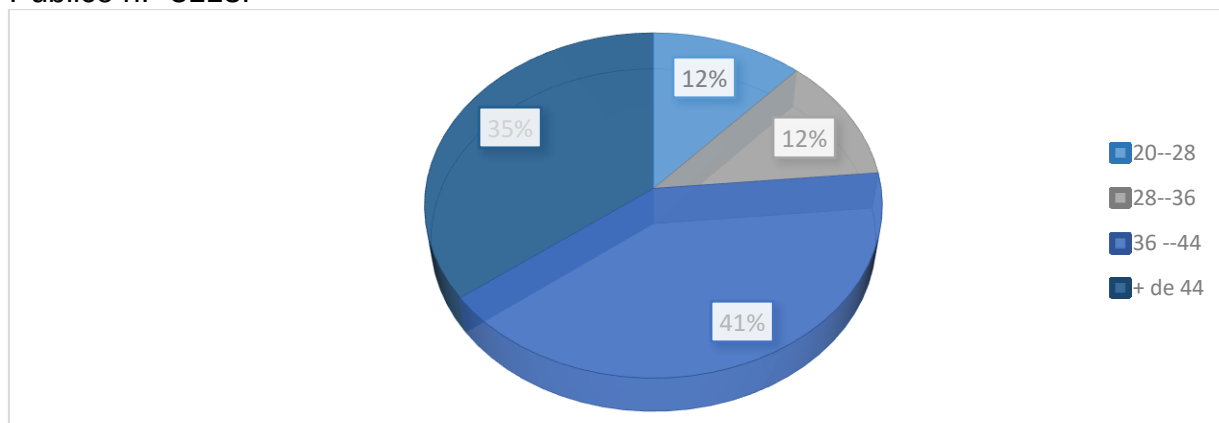
Neste capítulo, apresentar-se-ão os resultados mais relevantes obtidos nas respostas aos questionários aplicados aos funcionários da escola n.3113. Quanto aos aspectos considerados pertinentes, estão incluídas as principais questões direccionadas para os objectivos específicos e hipóteses da pesquisa; estes aspectos reflectem-se em:

Tabela n. 1-Faixa etária dos membros de Direcção e os Professores do Colégio Público n. °3113.

Faixa Etária	Sexo		PERCENTAGEM
	Masculino	Feminino	
20--28	02	00	12%
28--36	01	01	12%
36 --44	03	04	41%
+ de 44	04	02	35%
TOTAL	10	07	100%

Fonte: Elaboração própria.

Gráfico n. 1- Faixa etária dos membros de Direcção e os Professores do Colégio Público n. °3113.



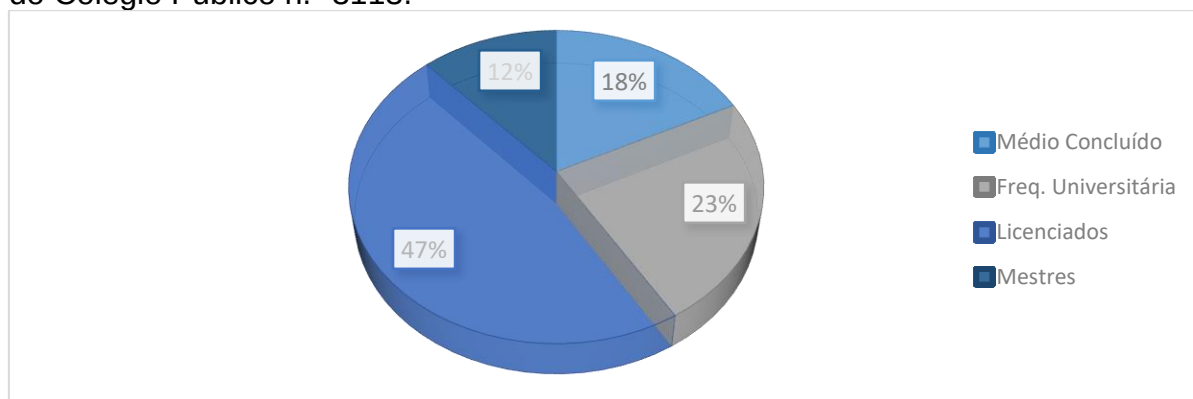
De acordo com os resultados obtidos, conforme demonstra a tabela e o gráfico, 100 % dos inqueridos, 41% dos inqueridos dos membros de Direcção e os Professores do Colégio Público n.º3113, estão na faixa etária dos 36-44 anos de idade, 03 do sexo masculino e 04 do sexo feminino, enquanto que 12% dos inqueridos dos membros de Direcção e os Professores do Colégio Público n.º3113 encontram-se na faixa etária dos 20-28 anos de idade, dos quais 02 são do sexo masculino.

Tabela n. 2- Habilitações académicas dos membros de Direcção e os Professores do Colégio Público n.º 3113

HABILITAÇÕES ACADÉMICAS	FREQ	PERCENTAGEM
Médio Concluído	03	18
Freq. Universitária	04	23
Licenciados	08	47
Mestres	02	12
TOTAL	17	100

Fonte: Elaboração própria.

Gráfico n. 2- Habilitações académicas dos membros de Direcção e os Professores do Colégio Público n.º 3113.



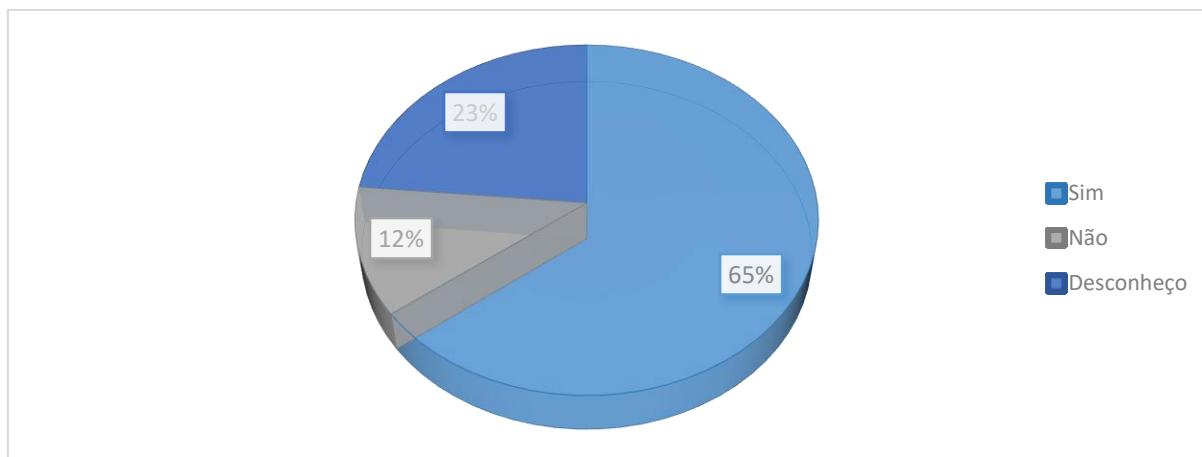
Segundo a tabela e gráfico, 47% dos inqueridos a sua habilitações académicas é de Licenciatura e, enquanto 12% dos inqueridos a sua habilitações académicas é o mestrado. Perfazendo assim, o total de 100%.

Tabela n. 3-Aqui no Colégio Público n.º 3113 tem alunos vítimas de violência doméstica.

Escala de respostas	Frequência	Percentagem
Sim	11	65
Não	02	12
Desconheço	04	23
Total	17	100

Fonte: Elaboração própria.

Gráfico n. 3- Aqui no Colégio Público n.º 3113 tem alunos vítimas de violência doméstica.



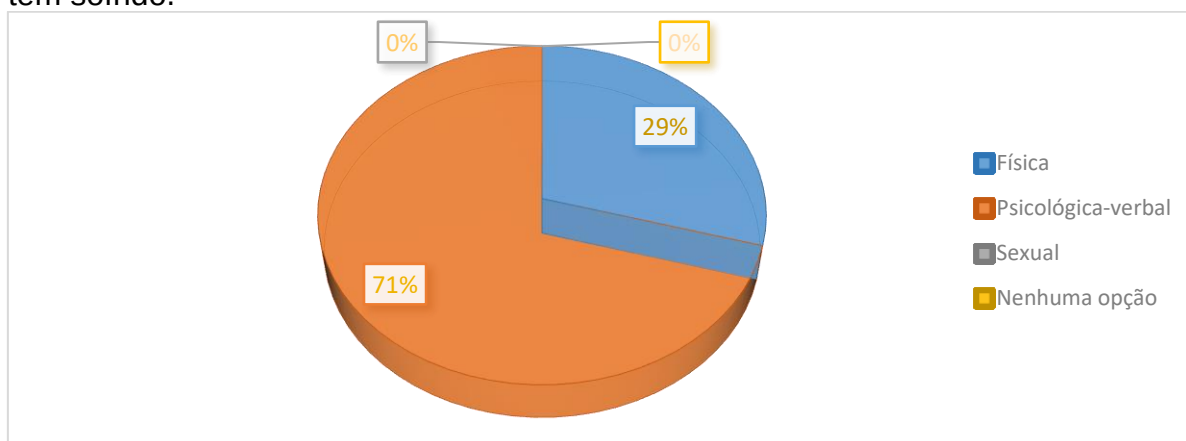
Os resultados obtidos mostram-nos que, 65% dos inqueridos responderam que sim no Colégio Público n.º 3113 tem alunos vítimas de violência doméstica e, 12% dos inqueridos responderam que desconhecem de que no Colégio Público n.º 3113 tem alunos vítimas de violência doméstica.

Tabela n. 4-Que tipo de violência doméstica os alunos do Colégio Público n.º 3113 têm sofrido.

Designação	Frequência	%
Física	05	29
Psicológica-verbal	12	71
Sexual	00	00
Nenhuma opção	00	00
Total	17	100

Fonte: Elaboração própria.

Gráfico n. 4- Que tipo de violência doméstica os alunos do Colégio Público n.º 3113 têm sofrido.



Conforme explica a Tabela e gráfico, 71% responderam que os alunos do Colégio Público n.º 3113 têm sofrido a violência doméstica do tipo psicológico-verbal e, por sua vez, 29% consideram que os alunos do Colégio Público n.º 3113 têm sofrido a violência doméstica do tipo física. Temos a dizer que a violência contra crianças e

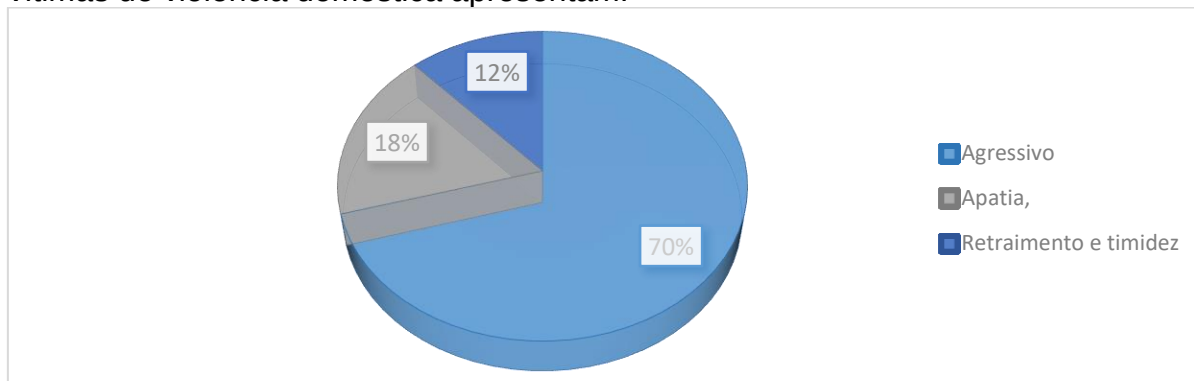
adolescentes é praticada de várias maneiras, por diferentes autores/atores e em distintos lugares.

Tabela n. 5-Que comportamento os alunos do Colégio Público n.º 3113 que têm sido vítimas de violência doméstica apresentam.

Designação	Frequência	%
Agressivo	12	70
Apatia,	03	18
Retraimento e timidez	02	12
Total	17	100

Fonte: Elaboração própria.

Gráfico n. 5-Que comportamento os alunos do Colégio Público n.º 3113 que têm sido vítimas de violência doméstica apresentam.



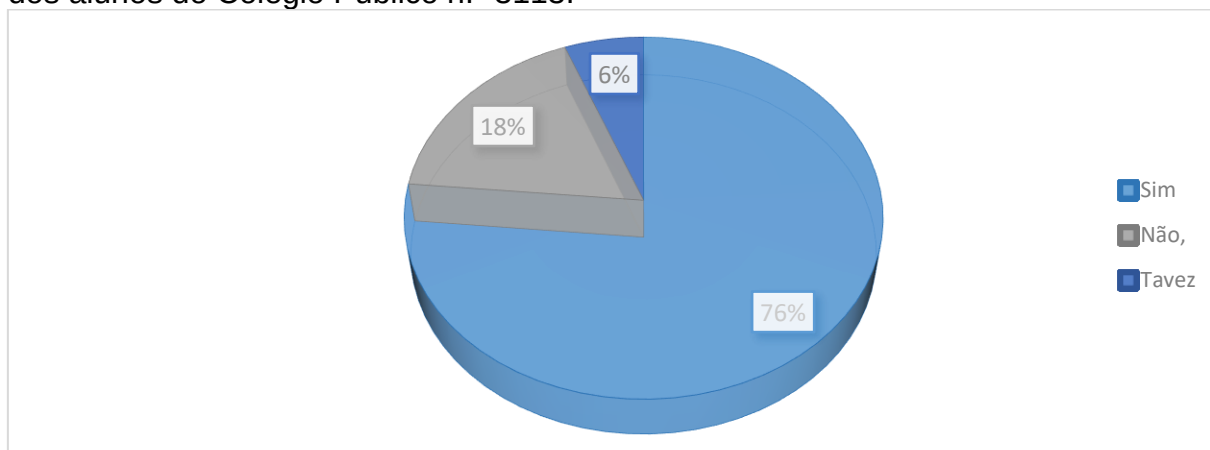
Tal como explica os dados da Tabela e gráfico, 70% dos inqueridos consideram que os alunos do Colégio Público n.º 3113 que têm sido vítimas apresentam um comportamento de agressividade e, enquanto 12% dos inqueridos disseram que os alunos do Colégio Público n.º 3113 que têm sido vítimas de violência doméstica apresentam um comportamento de retraimento e timidez.

Tabela n. 6-Na sua opinião, a violência doméstica influência no rendimento escolar dos alunos do Colégio Público n.º 3113.

Designação	Frequência	%
Sim	13	76
Não,	01	06
Tavez	03	18
Total	17	100

Fonte: Elaboração própria.

Gráfico n. 6-Na sua opinião, a violência doméstica influência no rendimento escolar dos alunos do Colégio Público n.º 3113.



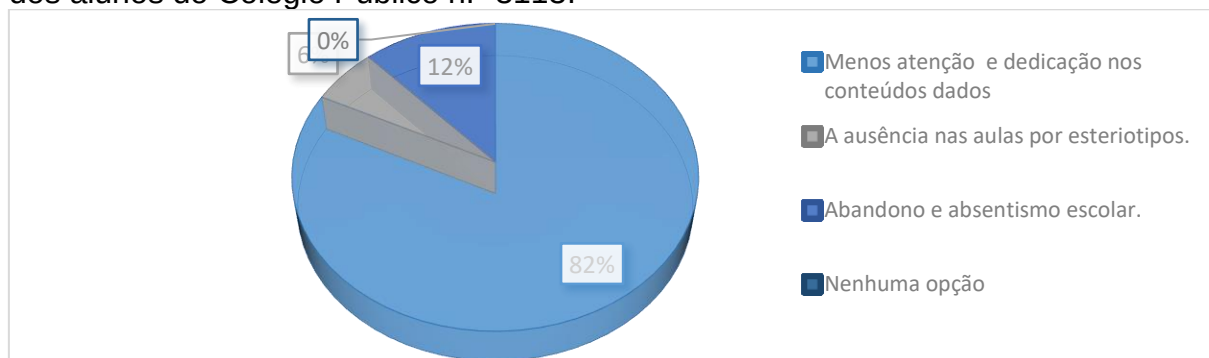
Tal como explica os dados da Tabela e gráfico, 76% dos inqueridos consideram que a violência doméstica influência no rendimento escolar dos alunos do Colégio Público n.º 3113 e, enquanto 06% dos inqueridos disseram que a violência doméstica não influência no rendimento escolar dos alunos do Colégio Público n.º 3113.

Tabela n. 7-Em que aspecto a violência doméstica influência no rendimento escolar dos alunos do Colégio Público n.º 3113.

Designação	Frequência	%
Menos atenção e dedicação nos conteúdos dados	14	82
A ausência nas aulas por estereótipos.	01	06
Abandono e absentismo escolar.	02	12
Nenhuma opção	00	00
Total	17	100

Fonte: Elaboração própria.

Gráfico n. 7- Em que aspecto a violência doméstica influência no rendimento escolar dos alunos do Colégio Público n.º 3113.



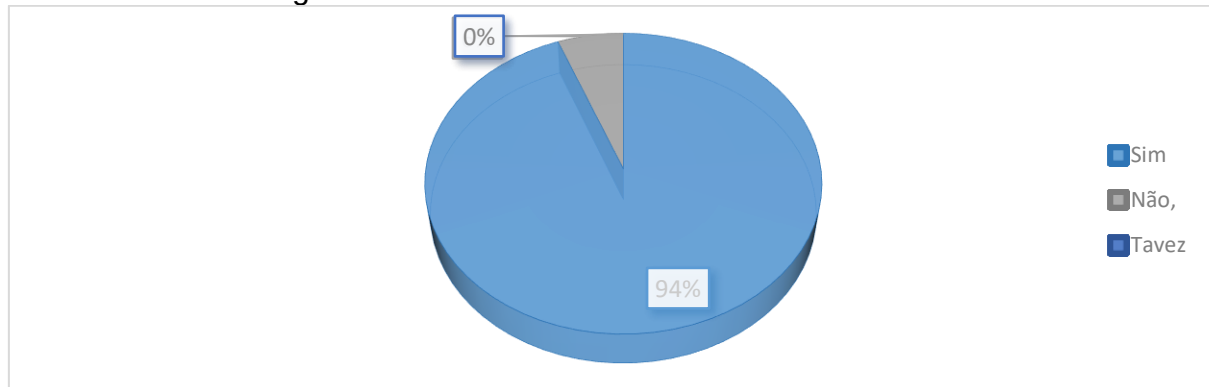
Conforme mostra a dada tabela e gráfico, 82% dos inqueridos confirmam que a violência doméstica influência no rendimento escolar dos alunos do Colégio Público n.º 3113 nos aspectos como: *menos atenção e dedicação nos conteúdos dados* e, 06% disseram que a violência doméstica influência no rendimento escolar dos alunos do Colégio Público n.º 3113 nos aspectos na ausência das aulas por estereótipos.

Tabela n. 8-A violência doméstica tem sido um dos factor do fraco rendimento escolar dos alunos do Colégio Público n.º 3113

Designação	Frequência	%
Sim	16	94
Não,	01	06
Tavez	00	00
Total	17	100

Fonte: Elaboração própria.

Gráfico n. 8-A violência doméstica tem sido um dos factor do fraco rendimento escolar dos alunos do Colégio Público n.º 3113



Conforme mostra a dada tabela e gráfico, 94% dos inqueridos confirmam que a violência doméstica tem sido um dos factor do fraco rendimento escolar dos alunos vítimas no Colégio Público n.º 3113 e, por sua vez, 06% disseram que a violência doméstica não tem sido um dos factor do fraco rendimento escolar dos alunos vítimas de violência doméstica no Colégio Público.

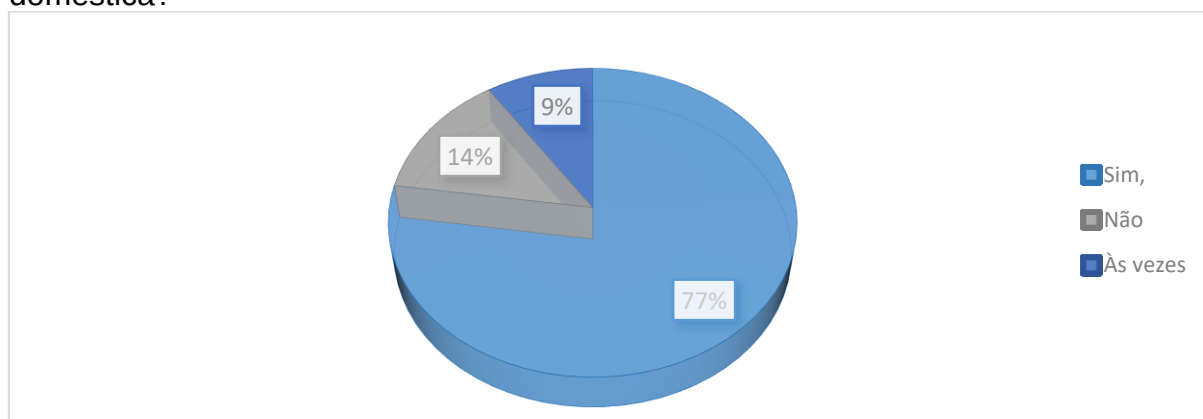
3.1.1. Inquéritos aplicados aos alunos do Colégio Público n.º 3113

Tabela n. 9-Alguns alunos do Colégio Público n.º 3113 têm sido vítima de violência doméstica?

Designação	Frequência	%
Sim,	58	77
Não	10	14
Às vezes	07	09
Total	75	100

Fonte: Elaboração própria.

Gráfico n. 9- Alguns alunos do Colégio Público n.º 3113 têm sido vítima de violência doméstica?



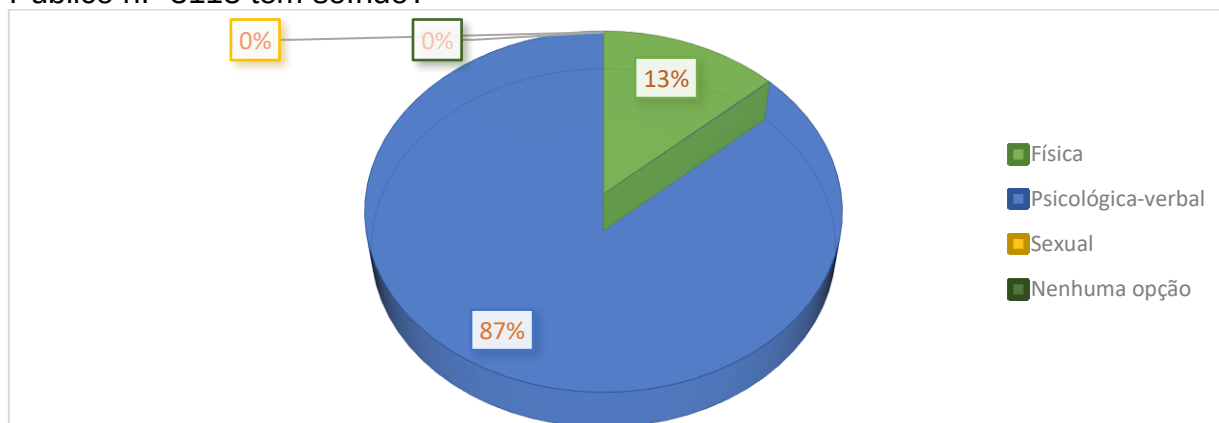
Baseando –se na Tabela e gráfico acima, 77% disseram que alguns alunos do Colégio Público n.º 3113 têm sido vítima de violência doméstica e, por sua vez, 09% responderam que talvez alguns alunos do Colégio Público n.º 3113 têm sido vítima de violência doméstica.

Tabela n. 10-Na sua opinião, que tipo de violência doméstica os alunos do Colégio Público n.º 3113 têm sofrido?

Designação	Frequência	%
Física	10	13
Psicológica-verbal	65	87
Sexual	00	00
Nenhuma opção	00	00
Total	75	100

Fonte: Elaboração própria.

Gráfico n. 10- Na sua opinião, que tipo de violência doméstica os alunos do Colégio Público n.º 3113 têm sofrido?



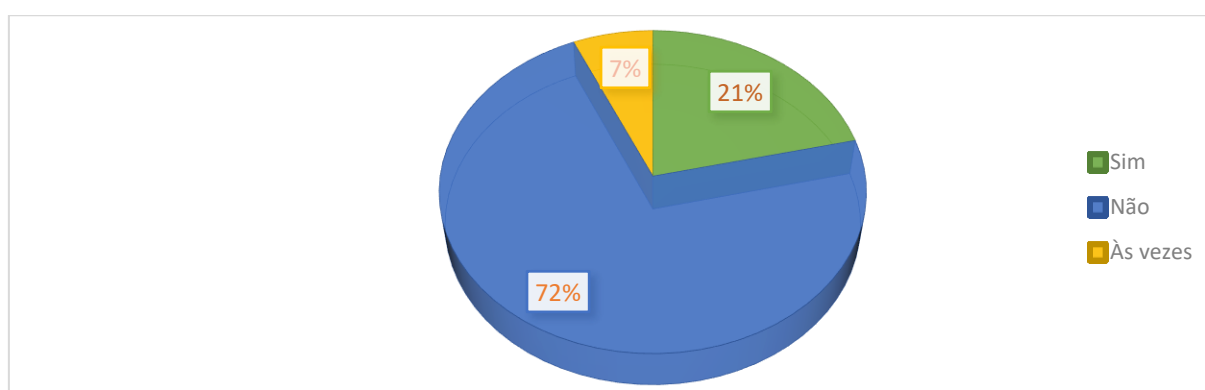
Conforme explica a Tabela e gráfico, 87% responderam que os alunos do Colégio Público n.º 3113 têm sofrido a violência doméstica do tipo psicológico-verbal e, por sua vez, 13% consideram que os alunos do Colégio Público n.º 3113 têm sofrido a violência doméstica do tipo física.

Tabela n. 11- Os alunos do Colégio Público n.º 3113 vítimas de violência doméstica apresentam motivação de permanecerem na escola.

Designação	Frequência	%
Sim	16	21
Não	54	72
Às vezes	05	07
Total	75	100

Fonte: Elaboração própria.

Gráfico n. 11- Os alunos do Colégio Público n.º 3113 vítimas de violência doméstica apresentam motivação de permanecerem na escola.



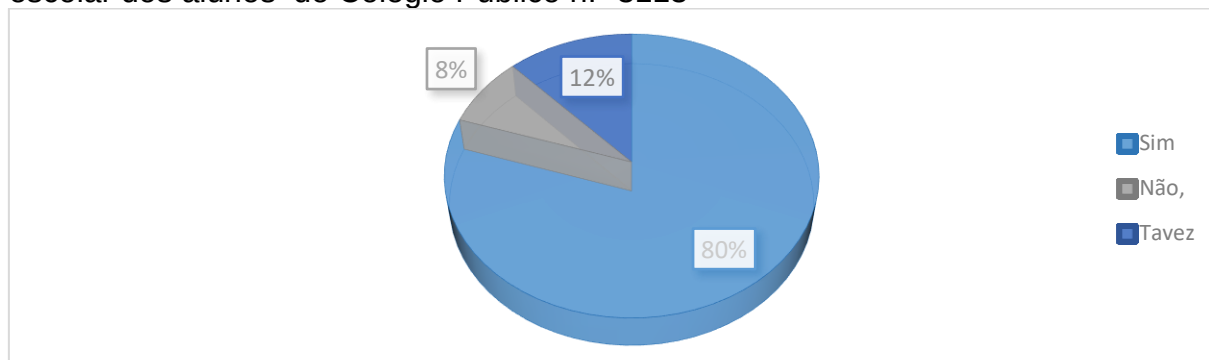
Dados seguidos Tabela e gráfico, 72% opinaram que os alunos do Colégio Público n.º 3113 vítimas de violência doméstica não apresentam motivação de permanecerem na escola e, por outra, 07% disseram que os alunos do Colégio Público n.º 3113 vítimas de violência doméstica apresentam motivação de permanecerem na escola.

Tabela n. 12-A violência doméstica tem sido um dos factor do fraco rendimento escolar dos alunos do Colégio Público n.º 3113

Designação	Frequência	%
Sim	60	80
Não,	06	08
Tavez	09	12
Total	75	100

Fonte: Elaboração própria.

Gráfico n. 12-A violência doméstica tem sido um dos factor do fraco rendimento escolar dos alunos do Colégio Público n.º 3113



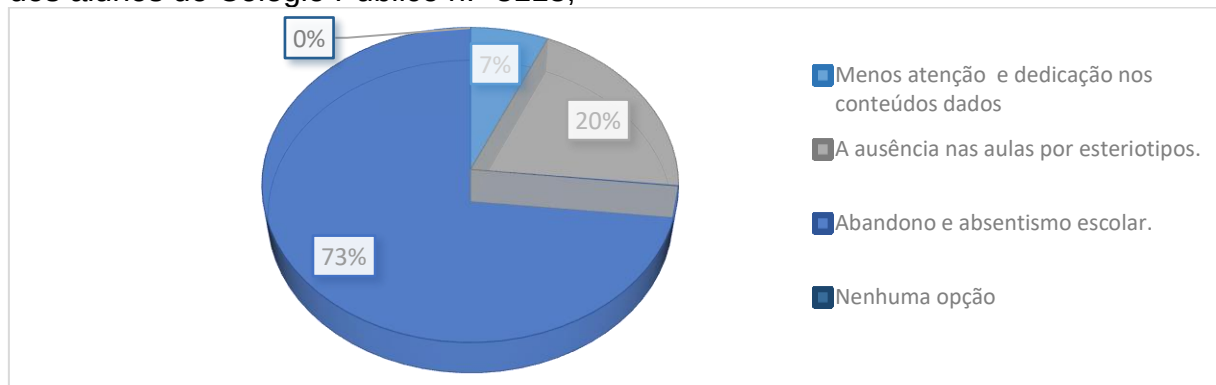
Conforme mostra a dada tabela e gráfico, 80% confirmam que a violência doméstica tem sido um dos factor do fraco rendimento escolar dos alunos vítimas no Colégio Público n.º 3113 e, por sua vez, 08% disseram que a violência doméstica não tem sido um dos factor do fraco rendimento escolar dos alunos vítimas de violência doméstica no Colégio Público.

Tabela n. 13- Em que aspecto a violência doméstica influência no rendimento escolar dos alunos do Colégio Público n.º 3113

Designação	Frequência	%
Em menos atenção e dedicação nos conteúdos dados	05	07
Na a ausência nas aulas por estereótipos.	15	20
No abandono e absentismo escolar.	55	73
Nenhuma opção	00	00
Total	75	100

Fonte: Elaboração própria.

Gráfico n. 13- Em que aspecto a violência doméstica influência no rendimento escolar dos alunos do Colégio Público n.º 3113,



Conforme mostra a dada Tabela e gráfico, 73% confirmaram que a violência doméstica influencia no rendimento escolar dos alunos do Colégio Público n.º 3113 nos aspectos de abandono e absentismo escolar. e, 06% disseram que a violência doméstica influencia no rendimento escolar dos alunos do Colégio Público n.º 3113 nos aspectos em menos atenção e dedicação nos conteúdos dados.

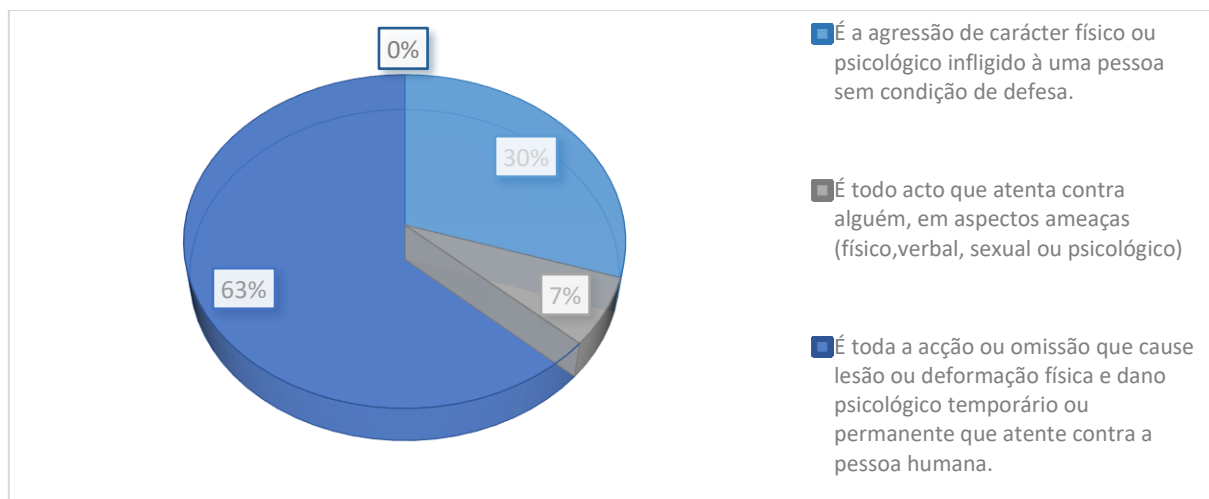
3.1.2. Inquéritos aplicados aos Pais ou encarregados de Educação

Tabela n. 14-.Na sua opinião, o que é a violência doméstica a menos de idade.

Designação	Frequência	%
É a agressão de carácter físico ou psicológico infligido à uma pessoa sem condição de defesa.	09	30
É todo acto que atenta contra alguém, em aspectos ameaças (físico,verbal, sexual ou psicológico)	02	07
É toda a acção ou omissão que cause lesão ou deformação física e dano psicológico temporário ou permanente que atente contra a pessoa humana.	19	63
Nenhuma opção	00	00
Total	30	100

Fonte: Elaboração própria.

Gráfico n. 14- Na sua opinião, o que é a violência doméstica a menos de idade..



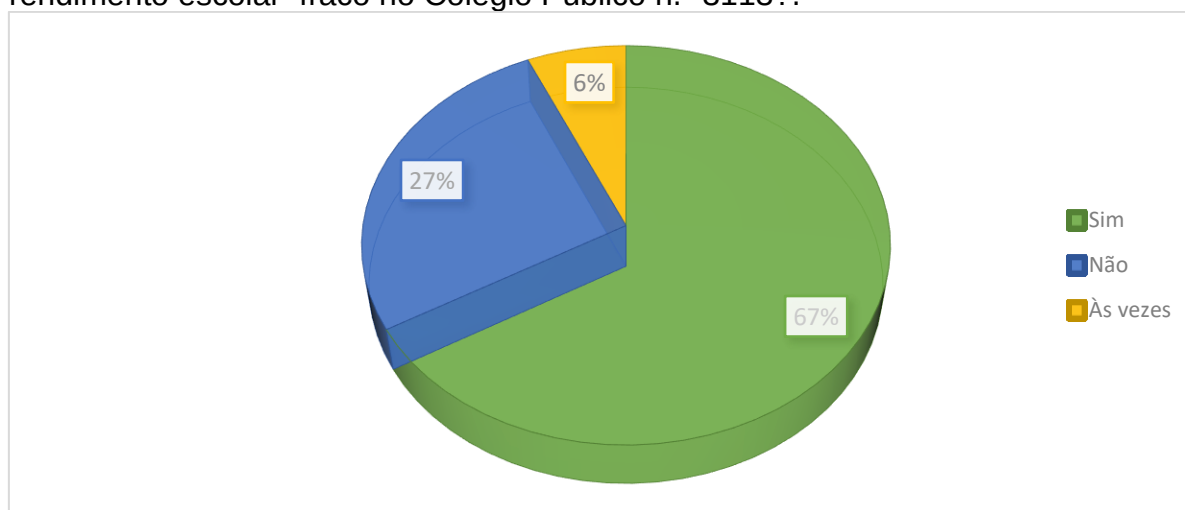
Apos a ilustração dos dados da Tabela e gráfico, 63% disseram que a violência doméstica a menos de idade é toda a acção ou omissão que cause lesão ou deformação física e dano psicológico temporário ou permanente que atente contra a pessoa humana e, enquanto 07% confirmaram a violência doméstica a menos de idade é todo acto que atenta contra alguém, em aspectos ameaças (físico,verbal, sexual ou psicológico).

Tabela n. 15- Para si, os alunos vítimas de violência doméstica apresentam um rendimento escolar fraco no Colégio Público n.º 3113?.

Designação	Frequência	%
Sim	20	67
Não	08	27
Às vezes	02	06
Total	30	100

Fonte: Elaboração própria.

Gráfico n. 15- Para si, os alunos vítimas de violência doméstica apresentam um rendimento escolar fraco no Colégio Público n.º 3113?.



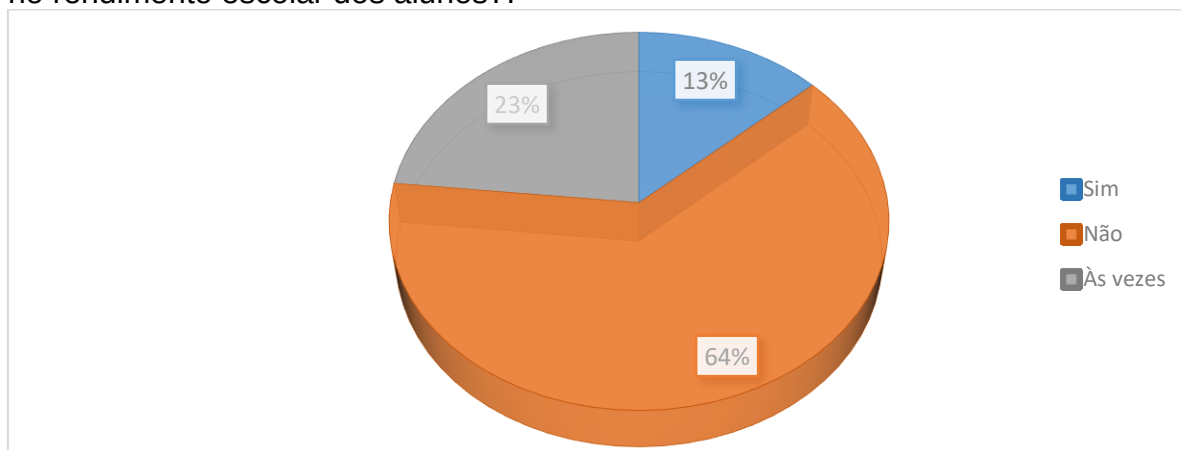
Em conformidade com Tabela e gráfico, 67% confirmaram que os alunos vítimas de violência doméstica apresentam um fraco rendimento escolar no Colégio Público n.º 3113 enquanto, 06% consideram que os alunos vítimas de violência doméstica às vezes apresentam um fraco rendimento escolar no Colégio Público n.º 3113.

Tabela n. 16-As famílias têm alguma noção de que a violência doméstica influencia no rendimento escolar dos alunos?

Designação	Frequência	%
Sim	04	13
Não	19	64
Às vezes	07	23
Total	30	100

Fonte: Elaboração própria.

Gráfico n. 16- As famílias têm alguma noção de que a violência doméstica influência no rendimento escolar dos alunos?



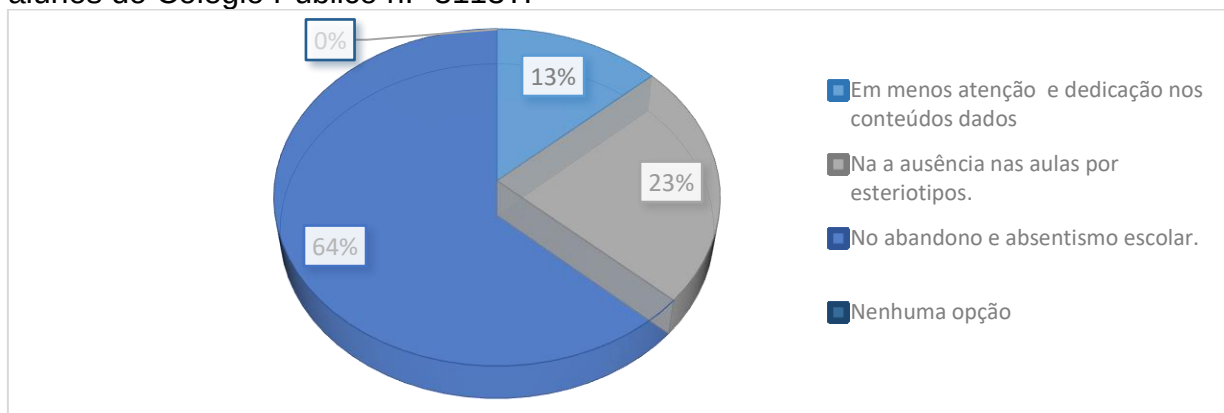
Em obediência a Tabela e gráfico, 64% confirmaram que algumas famílias não têm noção de que a violência doméstica influência no rendimento escolar dos alunos no Colégio Público n.º 3113; por outra, 13% disseram que algumas famílias têm noção de que a violência doméstica influência no rendimento escolar dos alunos no Colégio Público n.º 3113.

Tabela n. 17-De que forma a violência doméstica influência no rendimento escolar nos alunos do Colégio Público n.º 3113?

Designação	Frequência	%
Em menos atenção e dedicação nos conteúdos dados	04	13
Na a ausência nas aulas por esteriotipos.	07	23
No abandono e absentismo escolar.	19	64
Nenhuma opção	00	00
Total	30	100

Fonte: Elaboração própria.

Tabela n. 18-De que forma a violência doméstica influência no rendimento escolar nos alunos do Colégio Público n.º 3113?



Conforme mostra a dada Tabela e gráfico, 73% confirmaram que a violência doméstica influência no rendimento escolar dos alunos do Colégio Público n.º 3113 nos aspectos de abandono e absentismo escolar. e, 06% disseram que a violência

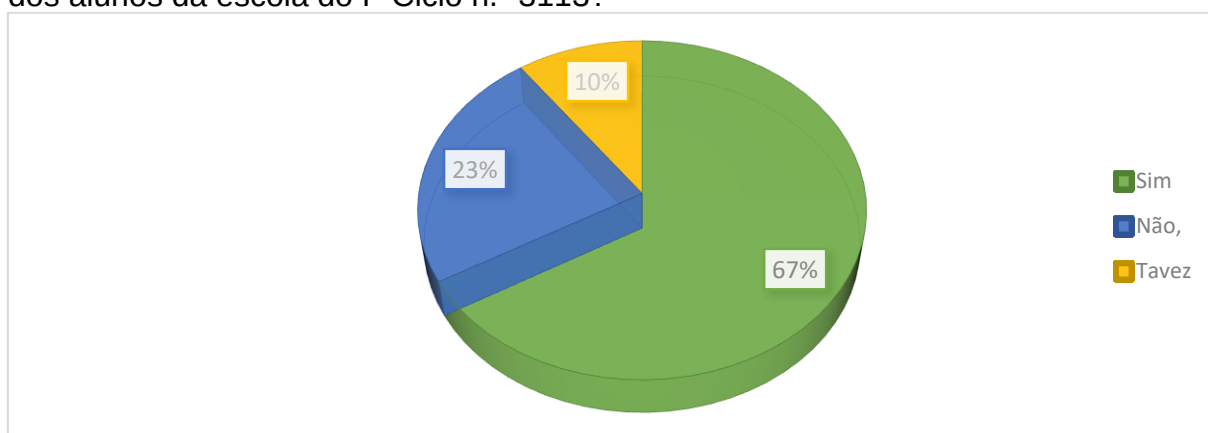
doméstica influência no rendimento escolar dos alunos do Colégio Público n.º 3113 nos aspectos em menos atenção e dedicação nos conteúdos dados.

Tabela n. 19-A violência doméstica tem sido uma das causas do abandono escolar dos alunos da escola do 1º Ciclo n.º 3113?

Designação	Frequência	%
Sim	20	67
Não,	07	23
Tavez	03	10
Total	30	100

Fonte: Elaboração própria.

Gráfico n. 17- A violência doméstica tem sido uma das causas do abandono escolar dos alunos da escola do 1º Ciclo n.º 3113?



Conforme mostra a dada tabela e gráfico, 67% confirmam que a violência doméstica tem sido uma das causas do abandono escolar dos alunos no Colégio Público n.º 3113 e, por sua vez, 10% disseram que a violência doméstica talvez tem sido uma das causas do abandono escolar dos alunos no Colégio Público n.º 3113.

CONCLUSÃO

O estudo apresentado discorreu sobre a violência doméstica influência no rendimento escolar nos alunos do Colégio Público n.º 3113, como podemos verificar através da nossa pesquisa, a violência de disciplinamento na relação entre pais e filhos, ocorre com mais frequência e, como seria natural, com as crianças, que são mais frágeis. Sobretudo as do sexo masculino, estas, por norma, apresentam um comportamento mais rebelde e provocador.

Não obstante, os pressupostos teóricos, os dados estatísticos e as anotações dos diários de classe, estes apontam e confirmam que existe uma relação entre violência doméstica e aproveitamento escolar. Os resultados da análise também mostram diferenças significativas entre os grupos vítimas e os grupos não vítimas, ou seja, os grupos vítimas apresentaram comprometimento nos aspectos cognitivos e nos sócios educativos, enquanto que os grupos não vítimas demonstraram conceitos de medição satisfatórios no aproveitamento escolar, tanto nos aspectos cognitivos, como nos sócios educativos.

Assim, verificamos que essa violência provoca prejuízos para as suas vítimas no aprendizado escolar. Os dados da pesquisa mostraram que as crianças e adolescentes vítimas do disciplinamento com o uso da violência, na relação entre pais e filhos, obtiveram muitas dificuldades na assimilação e no desenvolvimento da aprendizagem, ocasionando perdas no aproveitamento escolar. Desta forma, é indubitável que existe uma relação entre a violência e o aproveitamento escolar, respondendo assim à primeira sub questão.

Como síntese do estudo efectuado, e respondendo à questão de partida - Qual é influência da violência doméstica no rendimento escolar dos alunos da escola do 1º Ciclo n.º 3113 no ano lectivo de 2024 no 1º trimestre?- a instituição escolar, apesar de todos os progressos, ainda não consegue lidar cabalmente com este flagelo. Só poderá fazê-lo, quando todas as forças sociais se unirem no combate urgente contra a violência doméstica, em relação às crianças e adolescentes. Apenas uma ação concertada, a nível nacional e local, poderá prevenir a violência e assegurar os direitos fundamentais, pois esta constitui crime previsto em lei. Por isso, deve não só haver uma mudança estrutural, como também de mentalidades da sociedade e de todos os envolvidos nas escolas.

Por último, espera-se que o presente estudo sirva de alerta para a necessidade de expandir serviços de prevenção e intervenção, com relação às crianças e adolescentes em situação de risco, colocando a família como centro de atuação; Além disso, reforça-se a importância e a necessidade de se investir em pesquisas sobre violência doméstica, uma vez que há uma deficiência muito grande de estudos sobre esta problemática, relacionada com crianças e adolescentes.

SUGESTÕES

Com base nesses pressupostos, apresentamos algumas propostas e possíveis sugestões:

- ✓ O Colégio público n.º 3113 deve criar uma equipa multidisciplinar para facilitar o processo de auscultação das dificuldades enfrentados pelas vítimas de violência doméstica.
- ✓ O Colégio público n.º 3113 deve criar condições para os colóquios, palestras e seminários trimestralmente aos pais e encarregados de educação para inibir o flagelo de violência doméstica contra menores de idade
- ✓ O Colégio público n.º 3113 deve cria um Gabinete Psico-pedagógico para auxiliar os professores em dar solução aos alunos vítimas de violência doméstica.
- ✓ O Colégio público n.º 3113 deve estabelecer programas de mentoria onde professores mais experientes possam orientar os alunos com fraco desempenho escolar, compartilhando suas experiências e práticas eficazes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMOVAY, M. (2002). Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina: desafios para políticas públicas. Brasília: UNESCO, BID2.
- ALGERI, S. (2001). Caracterização de família em Situação de Violência Intrafamiliar. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Dissertação (Mestrado em Enfermagem), Escola de Enfermagem, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Alvarenga, E.M. (2012) *Metodologia da investigação quantitativa e qualitativa: normas técnicas de apresentação de trabalhos científicos*.Paraguai, 2 ed.Ed.Assunção
- ANDRADE, M. S. (2002). Psicopedagogia Clínica. In: Manual de Aplicação Prática para Diagnóstico de Distúrbios do Aprendizado. São Paulo: Polus.
- Assis, S. G. (2002). Crescendo em Meio à Violência. Em M. F. Westphal (Org.), Violência e Criança (p. 115-124). São Paulo: EdUSP.
- Aurélio, F. S. (2008) *Dicionário de Usos do Português do Brasil*. São Paulo: Editora Ática.
- AZEVEDO, M. (2000). Os novos pequenos mártires: infância e violência doméstica. São Paulo: Laboratório de estudos da criança/USP.
- AZEVEDO, M. A. e GUERRA, V. N. A. (2002). Infância e Violência Doméstica: o castigo dos cacos quebrados. São Paulo. Lacer Laboratório de Estudos da Criança. Telecurso de Especialização USP. Módulo 313. p. 8-42.
- Azevedo, M. A., & Guerra, V. N. A. (Orgs.). (2002). Crianças Vitimizadas: A síndrome do pequeno poder São Paulo: Iglu.
- AZEVEDO, M. C.; MAIA, A. C. (2006). Maus-tratos à criança. Lisboa: Climepsi.
- Bardin, L.(2002) *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- BARROS, N. V. (2005). Violência intrafamiliar contra criança e adolescente. Trajetória histórica, políticas sociais, práticas e proteção social. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: PUC.
- Barroso, J.(2006) *A formação de professores e a mudança organizacional das escolas*. 2. ed. São Paulo: Cortez.
- BASANTA DOPICO, J. L. (2000). Intervención psicopedagógica en menores. Galicia: Consellería de Familia e Promoción do Emprego, Muller e Xuventude/ Dirección Xeral de Familia.

Brancalhone, P. G., Fogo, J. C., & Williams, L. C. A. (2004). Crianças expostas à violência conjugal: Avaliação do desempenho acadêmico. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 20(2), 113-117.

Brasil (1990). Estatuto da Criança e do Adolescente Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora.

BRAUN, S. (2002). A violência sexual infantil na família: do silêncio à revelação do segredo. Porto Alegre: 102 p

Brino, R. F., & Williams, L. C. A. (2003a). Concepções da professora acerca do abuso sexual infantil. *Cadernos de Pesquisa*, 119, 113-128.

Brino, R. F., & Williams, L. C. A. (2003b). Capacitação do educador acerca do abuso sexual infantil. *Interação em Psicologia*, 7(2), 1-10.

Brino, R. F., & Williams, L. C. A. (2006). Brazilian teachers as agents to prevent child sexual abuse: An intervention assessment. Em D. Daro (2006). *World Perspectives on*

CAMPOS, A. P. S. F. M. (2001). O Psicólogo Escolar e a Educação Infantil: um olhar sobre a inserção desse profissional nas escolas de Brasília. Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília, Brasília-DF

CAVALCANTE, F. G. E SCHENKER, M. (2007). Módulo 3 - Violência, Família e Sociedade. In: SOUZA, Edinilsa Ramos (org). *Curso Impactos da Violência na Saúde. Unidade I: Bases Conceituais e Históricas da Violência e Setor Saúde*. Rio de Janeiro, EAD/ENSP.

CHAUÍ, M. (2009). Uma Ideologia Perversa. Folha de São Paulo, São Paulo, Caderno Mais. p. 3.

CUNHA, M. L. C. (2004). Violência doméstica contra crianças e adolescentes na modalidade violência física. Curitiba: CECOV – Centro de Combate a Violência Infantil, UNICEF, 2004. In: *Revista de Psicologia da UNESP*.

FERNÁNDEZ, A. (2021). *A inteligência aprisionada*. Porto Alegre: Artes Médicas.

FRANCO, L. R.; LÓPEZ-CEPERO, J., E DÍAZ, F. J. R. (2009). Violência doméstica: una revisión bibliográfica e bibliométrica. *Psicothema*, 21(2), 248-254.

GELLES, R. (2003). Family violence, in Robert L. Hampton et al. (eds.), *Family Violence – Preventing and Treatment*, California, Sage Publications, pp. 1-24. Geneva: WHO.

Gil, A. C. (2008) *Métodos e técnicas de pesquisa em Ciências sociais*, São Paulo: Editora Atlas.

GUERRA, V. N. A (1992). "Lei do silêncio" na área da violência física doméstica contra crianças e adolescentes: uma questão intocada. São Paulo: (artigo no prelo).

Hernandez-La Cruz, M. C. (1999). Prevenção de risco psicossocial na escola Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, São Paulo.

HIRATA, M. S.; MOREIRA, P. P. M. (2001). Violência contra a criança e o adolescente no âmbito familiar. Presidente Prudente; 107 p. Monografia (Graduação) - Faculdades Integradas Antônio Eufrásio de Toledo.

Kauark, F. S., et al (2010) *Metodologia da Pesquisa: guia prático*. Bahia: Via Litterarum.

LOUZADA, A. M. (2002). Dificuldades de Aprendizagem: desafios cotidiano e alternativas pedagógicas. Vila Velha: CAEPE

MARTINS, P. C. (2007). Maus - Tratos a Crianças. Universidade do Minho: Coleção infantis..

Marturano, E. M. (2009). Recursos no ambiente familiar e dificuldades de aprendizagem na escola. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 15(2), 135-142.

MATURANA, H. (2018). Emoções e linguagem na educação e na política. Belo Horizonte: Ed. UFMG.

MINAYO, M. C. S. (2005). O significado social e para a saúde da violência contra crianças e adolescentes. São Paulo: EDUSP. p. 29-38.

Oliveira, F., J., Lino, D. & Niza, S. (2006) *Modelos Curriculares para a Educação Construindo uma práxis de participação*. Porto Editora.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE- OMS. (2005). Violência contra a mulher.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE - OPAS. (2001). Relatório sobre a saúde no mundo 2001: Saúde Mental: nova concepção, nova esperança. Brasil.

Pamplim, R. C. O. (2015). A interface família-escola na inclusão de crianças com necessidades educacionais especiais: Uma perspectiva ecológica Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, São Paulo.

Pereira, P. C., & Williams, L. C. A. (2008). Desempenho escolar da criança vítima de violência doméstica encaminhada ao Fórum Manuscrito submetido para publicação.

Piaget, J.(1984) *Para Onde Vai a Educação?* Rio de Janeiro: Cortez;

Prodanov, C. C. et al (2013) *Metodologia do trabalho científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico*, 2ª Ed. Brasil, Ed. Feevale.

ROSA, J. LA (ORG.). (2018). Psicologia e educação: o significado do aprender. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS.

ROSAS, F. K.; CIONEK, M. I. (2006). O impacto da violência doméstica contra crianças e adolescentes na vida e na aprendizagem. *Conhecimento Interativo*, São José dos Pinhais, PR, v. 2, n. 1, p. 10-15, jan./jun.

Rosemberg, L. (2021). Educação e desigualdade social: Rendimento escolar de alunos de diferentes origens sociais Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, São Paulo.

Saffioti, H. I. B. (2017). Violência doméstica ou a lógica do galinheiro. Em M. Kupstas(Org.), *Violência em debate* (pp. 39-57). São Paulo: Moderna.

Santos, P. L. (2002). Riscos, recursos e fatores de proteção associados ao baixo e alto rendimento acadêmico: Um estudo comparativo Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, São Paulo.

SANTOS, P. L. (2002). Riscos, recursos e fatores de proteção associados ao baixo e alto rendimento acadêmico: Um estudo comparativo. Tese de Doutorado,

Santos, P. L., & Graminha, S. S. V. (2005). Estudo comparativo das características do ambiente familiar de crianças com alto e baixo rendimento escolar. *Cadernos de Psicologia e Educação (Padéia)*, 15(31), 217-226.

UNICEF(2005). Situação da Infância Brasileira 2005. Brasília (DF). Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, São Paulo.

VERONESE, J. R. P.; COSTA, M. M. M. da. (2006). Violência doméstica: quando a vítima é a criança ou adolescente – uma leitura interdisciplinar. Florianópolis: OAB/S C Editora.

Vieira, L(2007) *Angola: A Dimensão Ideológica da Educação 1975 - 1992*. Luanda 1ª Ed. Editora Nzila.

VIGOTSKI, L. S. (1991). Obras Escogidas I. Madrid, Centro de Publicaciones del MEC y Visor Distribuciones

Weinstein, R. S. (2002). Overcoming inequality in schooling: A call to action for community psychology. *American Journal of Community Psychology*, 30(1), 21-42.

WEISS. M. L. L. (2004). Psicopedagogia Clínica: uma revisão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar. 10ª ed. Rio de Janeiro: DP&A.

APÊNDICES

CARO(A) PROFESSOR(A)

A sua participação é voluntária e as suas respostas serão tratadas de forma confidencial. Por favor, responda honestamente a todas as perguntas. O seu feedback é extremamente valioso e contribuirá para uma melhor compreensão dos desafios e oportunidades associados à adaptação no contexto educacional. As perguntas a seguir foram desenvolvidas para que possamos investigar sobre *a influência da violência doméstica no rendimento escolar dos alunos. Um estudo de caso na escola do 1º ciclo n.º 3113 do município de Cazenga-Luanda, no 1º trimestre de 2024-2025.* Informamos, que os dados colectados por este questionário serão analisados de forma conjunta e utilizados em estudos analíticos de tendência de dar resposta ao problema da violência doméstica que tem uma influência directa no rendimento escolar dos alunos nocturno. Desta forma, garantimos tanto o anonimato como o sigilo dos respondentes. Pedimos, assim, a vossa colaboração na investigação que pretendemos realizar.

I. Variáveis Sócio-Demográficas:

- ✓ Idade;
- ✓ O nível de escolaridade;
- ✓ Especialidade
- ✓ Estado civil;
- ✓ Tempo de serviço:

II. Dimensões a nível do conhecimento geral sobre a influência da violência doméstica no rendimento escolar dos alunos. Um estudo de caso na escola do 1º ciclo n.º 3113.

- ✓ Para si, o que é a violência doméstica na aprendizagem?
- ✓ As famílias têm alguma noção de que a violência doméstica influencia no rendimento escolar dos alunos?
- ✓ De que forma a violência doméstica influencia no rendimento escolar dos alunos da escola do 1º Ciclo n.º 3113?
- ✓ Os alunos vítimas de violência doméstica, que rendimento escolar tem tido na escola do 1º Ciclo n.º 3113?
- ✓ A violência doméstica tem sido uma das causas do abandono escolar dos alunos da escola do 1º Ciclo n.º 3113?

GUIÃO DE ENTREVISTA

I. Variáveis Sócio-Demográficas:

- ✓ Idade;
- ✓ O nível de escolaridade;
- ✓ Especialidade
- ✓ Estado civil;
- ✓ Tempo de serviço:

II. Dimensões a nível do conhecimento geral sobre a influência da violência doméstica no rendimento escolar dos alunos. Um estudo de caso na escola do 1º ciclo n.º 3113.

- ✓ Para si, o que é a violência doméstica na aprendizagem?
- ✓ As famílias têm alguma noção de que a violência doméstica influencia no rendimento escolar dos alunos?
- ✓ De que forma a violência doméstica influencia no rendimento escolar dos alunos da escola do 1º Ciclo n.º 3113?
- ✓ Os alunos vítimas de violência doméstica, que rendimento escolar tem tido na escola do 1º Ciclo n.º 3113?
- ✓ A violência doméstica tem sido uma das causas do abandono escolar dos alunos da escola do 1º Ciclo n.º 3113?

GRELHA DE OBSERVAÇÃO

A grelha de observação é um instrumento que irá nos ajudar na formulação do problema, dos objectivos e as hipóteses do TFC na opção de Pedagogia. A mesma nos levará a observar na escola e na sala de aulas a influência da violência doméstica no rendimento escolar dos alunos do período nocturno na escola do 1º Ciclo n.º 3113.

Dados gerais

✓ Área de formação: _____

✓ Disciplina: _____

✓ Tempo de serviço: _____

Dia de observação: ____/____/20__		ADEQUAÇÃO				
Nº	CATEGORIAS DAS VARIÁVEIS	BOA	MAL	SIM	NÃO	OBS
1	A violência doméstica e a aprendizagem escolar.					
2	As famílias têm alguma noção de que a violência doméstica influencia no rendimento escolar dos alunos					
3	A Violência doméstica e rendimento escolar dos alunos.					
4	A violência doméstica e o abandono escolar dos alunos nocturnos da escola do 1º Ciclo n.º 3113					
5	A violência doméstica tem sido uma das causas do abandono escolar dos alunos nocturnos da escola do 1º Ciclo n.º 3113					

ANEXOS